

AFFONSO E VIRGINIA,

DRAMA ORIGINAL PORTUGUEZ

EM CINCO ACTOS.

DEDICADO

A SUA Magestade

O RECENTE.

POR

ANTONIO PEREIRA FERREIRA ARAGÃO.



LISBOA,

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ BAPTISTA MORANDO,
RUA DO MOINHO DE VENTO N.º 59.

1854.



AFFONSO E VIRGINIA,

DRAMA ORIGINAL PORTUGUEZ

EM CINCO ACTOS.

DEDICADO

A SUA Magestade

O RECENTE.

POR

ANTONIO PEREIRA FERREIRA ARAGÃO.



LISBOA,

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ BAPTISTA MORANDO,
RUA DO MOINHO DE VENTO N.º 59.

1854.

RC
MNCT

79

ARA

Dedicatoria.

NUTRIDO, Senhor, desde os primeiros dias de minha infancia com as Doutrinas de Platão, e dos mais austeros Moralistas, fugindo, quasi desde o berço, do trato social, existindo só, vai para trint'annos, no centro de minha familia, onde a educação de meus filhos me absorve mais de dois terços do tempo, que vivo, é todavia certo que, não obstante minha vida obscura, retirada, e sem ambição, sou geralmente arguido de inimigo dos Reis; pôstoque em tempo algum conjurei directa, ou indirecta, pública, ou occultamente, prestando adjutorio, ou conselho algum.

Accusão-me de irreligioso, sem que pessoa alguma possa notar em toda a minha vida, desde a mais tenra infancia, um só facto deshonesto, ignobil, baixo, vil, immoral, ou irreligioso, nem mesmo de vingança contra meus maiores inimigos, a quem, respeitando os Santos Principios do Evangelho, sempre em suas desgraças sou o primeiro a dar protecção, offerecendo-lhes os meus bons officios, e o fructo de minhas honestas fadigas, se delle carecem. Ahi ha

em Lisboa muitos delles, que não o podem negar, se forem interrogados.

Dizem que eu escarneço os Santos Preceitos e Doutrinas da Religião de Nossa Patria; e todavia o proprio actual Principe da Igreja Lusitana, com quanto espavorido, á primeira leitura, de minhas theorias religiosas; todavia, depois de as meditar attentamente, deu graças á Santa Providencia, por haver-mas inspirado, e me recommenda nas missivas, que me dirige, continue a escrever; porque, diz elle, levarei com ellas a convicção da Santidade da Religião de Jesus á cabeça e coração dos maiores incredulos.

Sou arguido de que ensino a meus Discipulos principios subversivos, e o desprezo da moral¹; e seus pais sabem muito bem que eu lhes inspiro com o proprio exemplo, e dos meus, as mais nobres virtudes, o amor ao trabalho, o respeito á Divindade, o amor filial, e fraterno; e, ainda hoje, já homens, seus pais me pedem os aconselhe no meio de seus desvios. Chamão-me ignorante, estando ausente; mas não ousão repetil-o, sentados na cadeira Magistral, e eu no banco de examinando. Sustento neste acto com energia doutrinas minhas, que entre seus discipulos elles reprovavão, invectivando-me sem piedade, estando eu ausente, e não ousão ataca-las, elles na qualidade de examinadores, e eu de examinando, elles na cadeira de Juiz, e eu no banco de Réo, defendendo-

¹ Condemnão-me, só porque não me entendem; embora todos actos de minha vida sejam irreprehensíveis.

as. Chamo-os publicamente pelos Jornaes a minha casa para ouvirem, e avaliarem os importantes trabalhos de minhas longas meditações; recusão-se a comparecer; mas escarnecem depois os muitos admiradores, que presenciárão as extraordinarias vantagens de minhas descobertas; e, se algum apparece, fica confundido, vendo-se obrigado a pedir perdão. E é desta fórma, e com esta guerra traiçoeira, e occulta, e por outro meio, que deixarei em silencio por ora, que tem conseguido tornar inuteis e infecundos tantos recursos, que a Santa Providencia pôz ao meu alcance — o unico patrimonio d'onde podia tirar o pão para meus filhos, que são tantos, fazendo-me passar por toda a parte por um homem perigoso. . . Pão para meus filhos! . . . cujo futuro tanto me assusta, e que me obrigará a deixar a terra, onde nasci, e transportar-me com elles além dos mares.

Nem mesmo minhas obras scientificas, heroticas, poeticas, romanticas, e com especialidade dramaticas, com quanto profundamente moraes, e escriptas em linguagem pura, e debaixo dos mais severos preceitos, escapão desta terrivel cruzada; com quanto não ousem mordel-as em publico.

Porém, graças á Santa Providencia! no meio desta guerra e perseguição geral, Vossa Magestade e Seu Digno Filho, o Senhor DOM PEDRO V. para quem as letras, e o homem honesto a ellas dado, não é uma entidade abjecta, e desprezivel, forão dois Anjos Salvadores, que a Santa Providencia me enviou lá do Ceo, no meio de minhas perseguições, para derra-

VI

mar sòbre meu espirito, cheio de tribulação, o doce orvalho da esperança, e de vida, acolhendo meus escriptos com agrado, e amor, mandando-me dizer pelo Duque de Saldanha, que Vossa Magestade me havia de dar um testemunho publico de quanto os estimava; conservando eu em meu podêr tambem um precioso documento do Senhor DOM PEDRO V.

E' pois em virtude dêste Magestoso Baixel, que Deos me deparou no meio de encapellados mares, e de meu inevitavel naufragio, que eu vos dedico (de todo o meu coração), Senhor DOM FERNANDO II., o virtuoso Affonso, precioso modelo de gratidão, e a immaculada Virginia, o mais nobre exemplo de amor filial.

Lisboa 16 de Junho de 1854.

Antonio Pereira Ferrea Aragão.

DECLARAÇÃO FRANCA.

PARA que se não diga que o Auctor dêste Drama ha trocado o rigido papel de Monarchomaco pelo de Cortezão lisongeiro, será prudente transcrever aqui a Carta, que, ha annos, dirigio a Sua Magestade, o Senhor DOM FERNANDO, por via do Sr. Visconde da Carreira ; Carta que servirá de precioso documento das Altas Virtudes de Nosso actual Regente ; Virtudes bem dignas de serem respeitadas pelo mais exaltado, porém virtuoso democrata.

A. P. F. A.

SENHOR.

Non unquam Reges, sed regum crimina ego odii.

A longa lição da historia do Mundo, e o estudo não interrompido do coração humano, a que tenho dedicado todos os dias de minha agitada vida, e os severos principios de minha moral, tornárão-me um ente excentrico, insociavel, e exilado, no meio dos homens.

Vossa Magestade algumas vezes experimentou a rudez de meu porte.

No leito de tribulação, e dores, em que me vi, cercado da indigencia, e meus filhos, todos me abandonárão, excepto um homem venerando, que por tantos motivos me devia desprezar. Por duas vezes se mandou do Paço Real ao leito, em que me achava infermo, offerecendo-se-me, em nome dêsse Varão Illustre, alguns soccorros. Este proceder insolito, e descommunal, de um Monarcha, produziu em todo o meu ser uma revolução inesperada. Desejei naquelle momento podêr apertar esse Rei a meu coração, e dizer-lhe com toda a effusão de um'alma ardente, e sincera, como a minha « *Perdão, Senhor! perdão do errado conceito, que de vós fazia. . .* » Mas, passados dias, meu severo espirito duvidou que um Monarcha podesse albergar em seu peito tão grande, e bella al-

ma. Escoados mezes, manda-me dizer esse Illustre Varão, pelo meu chorado amigo, Esmoler Mór, que desejava fallar-me. Meu espirito se rebellou « e disse » *fallar a um Rei! ah! não! não te humilhes a tanto, insensato!* Mas o meu coração se rebellou tambem por seu turno contra o espirito « dizendo-me » *vai, ingrato! vai apertar em teus braços esse Excellente Monarcha! esse unico Ente bemfazejo, que sôbre o teu leito de angustias derramou o doce orvalho da caridade!* Dirigi-me ao Paço Real; mas ainda por esta vez triumphou o espirito rebelde¹. E' impossivel hoje que esse Varão Illustre não me votasse ao esquecimento, ou ao desprezo, que eu bem mereci. . . Mas consta-me que Sua Magestade disséra, ha pouco, fallando-se de mim: *tenho dó daquelle homem, e de seus filhos! . . .* Ah! isto é de mais! enche-te de vergonha, espirito rebelde! Venera pois, e respeita profundamente o Marido da Rainha de Portugal! suas virtudes são dignas de lhe votares toda a affeição, de que é capaz um'alma, como a tua! Pois bem, respondeo meu espirito, cheio de confusão, e de respeito: *consinto de bom grado que lhe votes toda affeição e amizade, mas sem quebra todavia de*

¹ Sua Ex.^a o Sr. Calga e Pina, depois de me tratar com urbanidade, encarregou-se de ir participar a El-Rei que eu alli estava; porém, dizendo-me depois que Sua Magestade não me podia fallar, porque estava escrevendo para Allemanha, retirei-me todo despeitado, tratando todavia cortezmente seu Ajudante na despedida.

teus principios, que devem baixar contigo á cova ;
com quanto inexequiveis no seculo actual, e talvez nos
vindouros. Ha de cumprir-se o meu fatal destino ;
Deos assim o quer.

Digne-se pois Vossa Magestade acolhêr a insus-
peita dedicação, que

A' Vossa Real Pessoa consagrará

O mais obscuro dos mortaes

Antonio Pereira Ferrea Aragão.

INTERLOCUTORES.

- AFFONSO, Doutor em Medicina, 24 annos.
DOM EUGENIO, 50 annos.
VIRGINIA, Filha de Dom Eugenio, 18 annos.
ARTHUR, Doutor em Medicina, 28 annos.
DUQUEZA DE MANTUA, Regente em Portugal.
MIGUEL DE VASCONCELLOS, Ministro da Duqueza.
ADELIA, Amiga de Virginia.
ELVIRA, Sobrinha de Affonso, 18 annos.
MARIA, Mulher de condição media.
PEDRO, Lacaio de Affonso.
JULIA, Criada de servir.
ANACLETO, Padeiro.
UM INCOGNITO.
EUSTAQUIO, Boticario.
ENGRACIA, Criada de Virginia, 60 annos.
DOM RODRIGO DA CUNHA, Arcebispo de Lisboa.
JOÃO PINTO RIBEIRO.
PEDRO DE MENDONÇA.

PESSOAS QUE NÃO FALLÃO.

Damas do Paço, Conjurados, Pescadores, Povo, etc.

A Scena passa-se em Lisboa, e Trafaria. E'poca da Acção, principia em 1637, e termina no 1.º de Dezembro de 1640.

DECLARAÇÃO FATAL.

ACTO I.

Uma Sala mobilada com magnificencia. Gabinete á direita do espectador.

SCENA I.

AFFONSO, (*profundamente agitado, passeando.*
Pausa.)

Quanto mais feliz seria em minha obscura, e humilde condição! alli . . . ignorante, pobre, e desvalido, meus desejos seriam limitados . . . aqui! cuidadosamente educado, e instruido, minha ambição me deshonra! (*Pausa, ficando meditabundo, enche-se de pavor, acordando como de um letargo.*) Santo Deus! . . . que futuro será o meu! (*Atira consigo para uma cadeira, e ahí se conserva por alguns momentos cobrindo o rosto com as mãos.*)

SCENA II.

D. EUGENIO, e AFFONSO.

D. EUGENIO, (*tocando-lhe com a mão no hombro.*) — Que é isso, Doutor? que te afflige pois?

AFFONSO, (*despertando á ultima pergunta, levantando-se.*) — Ah! sois vós, Sr. D. Eugenio! (*pe-*

ga-lhe na mão, beijando-a, cheio de agitação.) Meu pai! meu bemfeitor... perdoai-me...

D. EUGENIO, (*impressionado.*) — Que é isso, Affonso! perdoar-te! o que?

AFFONSO. — Senhor! eu sou um vil, um ingrato...

D. EUGENIO. — Não te comprehendo, Affonso! que te aconteceu! confia-me os teus segredos, e as tuas penas... Affonso! a mim que te criei, e amo como proprio filho...

AFFONSO. — As minhas penas!... os meus segredos... Ah! Senhor! abandonai-me! fugi... fugi de mim!

D. EUGENIO. — Affonso! a tua cabeça acha-se profundamente agitada... Já nada pretendo saber... Eu retiro-me estes oito dias para França: não quero ser testemunha das desgraças de nossa desventurada patria; mas de lá mesmo vigiarei sôbre a tua felicidade. E's ainda moço; estás formado n'uma faculdade, que offerece bastantes interesses em nossa terra, onde ha poucos medicos; poderás fazer grande fortuna.

AFFONSO. — Fortuna! para mim, Senhor! Ah! acabou... a sepultura... sim... era melhor... só alli.

D. EUGENIO. — Isso ha de passar-te, Affonso.

AFFONSO. — Senhor! a desgraça já adejou sôbre a minha cabeça, identificou-se com minha existencia... o veneno, que me devora, infectou todo o meu sangue... Já agora... só a morte... ou um crime...

D. EUGENIO. — Um crime, Affonso! que dizes?

AFFONSO, (*turbado.*) — Crime! ah! não! meu pai (*pêga com anciadade na mão de D. Eugenio.*) a morte... sim... só a morte...

D. EUGENIO. — Affonso ! sê mais prudente ! Sabes muito bem que eu sou teu verdadeiro amigo. Tenho-te considerado sempre como meu proprio filho. Eras um orphão infeliz, pobre, e desvalido ; e hoje ! achas-te elevado por meus cuidados a uma posição brilhante. A que mais poderias tu aspirar ? Não te digo isto para humilhar-te ; mas para mais vivamente sentires o pèzo de meus conselhos. Não sejas muito ambicioso, Affonso ! Contenta-te com tua sorte actual, que é o melhor meio de lhe podêres achar o verdadeiro valor. Não te deixes dominar por ignobeis, e miseraveis paixões, que têm feito do mundo um theatro de horrores, e de crimes. Os affectos, que a razão regeita, e vão de encontro á gratidão, e a nossos deveres, em verdade são criminosos ; e de um crime nunca podem surgir senão desgraças. . . Eu estou vendo, Affonso, o que se passa dentro de tua alma. . . Perdôo-te. . . o culpado fui eu só. . . Já agora não tem remedio. . . Confiei muito de teu coração. . .

AFFONSO. — Que dizeis, Senhor ! Pois que ? sabeis já que eu. . .

D. EUGENIO. — Sim. . . já descobri a verdade. . . mas foi tarde. . . Comtudo confio, que, lembrando-te dos grandes sacrificios, que por ti tenho feito, não invenenarás a minha existencia. . . E's homem de bastantes conhecimentos ; tenho encontrado sempre em ti principios de honra, e probidade ; reflecte pois sobre o teu passado, Affonso !

AFFONSO. — Senhor ! . . . já mais me olvidarei de tantos beneficios. . . Sim, meu pai. . . eu vos devo tudo. . . Perdoai-me ! (*Ajoelha, e beija-lhe a mão todo agitado.*)

D. EUGENIO, (*commovido.*) — Levanta-te Affonso !

estás perdoado. . . A tua exemplar honradez é um grande fiador para mim (*abraça-o*) fico tranquillo. . .

SCENA III.

DITOS, e JOÃO PINTO RIBEIRO.

D. EUGENIO, (*sahindo-lhe ao encontro.*) — João Pinto Ribeiro ! Por aqui a estas horas ? Que ha de novo ? (*Ribeiro hesita em responder-lhe, olhando, como recioso, para Affonso ; êste, conhecendo o embaraço de Ribeiro, retira-se para o Gabinete.*)

RIBEIRO. — Estamos perdidos, D. Eugenio ! . . .

D. EUGENIO. — A Revolução ?

RIBEIRO. — Acabou ! . . . perdeu-se ! . . .

D. EUGENIO. — Que dizeis ?

RIBEIRO. — Quasi todos os conjurados forão prêsos.

D. EUGENIO, (*terrorisado.*) — Santo Deos !

RIBEIRO. — Os de Evora forão uns cobardes ! apenas duzentos Portuguezes pegárão em armas ; mas logo que levantárão o primeiro grito, acclamando o Duque de Bragança, Rei de Portugal, uns forão mortos ! e outros presos pela tropa hespanhola.

D. EUGENIO. — Santo Deos ! . . .

RIBEIRO. — Tratai de fugir immediatamente para França, ou Inglaterra, D. Eugenio ! A vossa correspondencia, e de D. Sancho foi interceptada ! . . . vossa vida está em grande risco, se cahís nas mãos de Miguel de Vasconcellos.

SCENA IV.

DITOS, e ADELIA.

ADELIA, (*chegando á porta do fundo.*) — Senhor D. Eugenio!

D. EUGENIO. — Que me quereis.

ADELIA. — O Senhor D. Sancho pretende fallar a V. S.^a. O Tabellião, e as testemunhas já se achão dentro do palacio.

AFFONSO, (*á parte, apparecendo em Scena.*) — Está consummada a minha desgraça! . . .

D. EUGENIO. — Até logo, Affonso . . . has-de servir também de testemunha.

SCENA V.

AFFONSO, (*só, e agitado, gesticulando silencioso por algum tempo, rompe o silencio com arrebatamento.*)

Testemunha de! . . . Ah! nem eu posso proferir essa terrivel palavra. . . Debaixo de meus pés se ha-de abrir primeiro um negro abysmo. . . Mas que dizes insensato!? Que has-de tu fazer? . . . Que hei-de eu fazer! Nada. . . (*com resignação.*) Fugir. . . abandonar para sempre esta casa. . . aliás poderei tornar-me um monstro . . . um assassino. . .

SCENA VI.

ARTHUR, e AFFONSO.

ARTHUR. — Está já o negocio em boas disposições, meu condiscipulo, e amigo! . . .

AFFONSO. — Então que fizeste?

ARTHUR. — Hoje, ou amanhã é o homem agarado. . .

AFFONSO. — Que me dizes, Arthur?

ARTHUR. — Que hoje, ou amanhã fica o homem de gaiola. . .

AFFONSO. — Não o consentirei. . . é uma traição. . . Mas que fizeste?

ARTHUR. — Sabes muito bem que Miguel de Vasconcellos é meu grande amigo, depois que o salvei de sua perigosa doença. . .

AFFONSO. — Porém que fizeste?

ARTHUR. — Disse-lhe que D. Sancho era um verdadeiro portuguez do coração, e que conspirava contra o paternal governo da Duqueza de Mantua, sendo figadal inimigo de seu sabio Ministro. Não foi preciso mais outra casta de processo. Estão já passadas as mais terminantes ordens para D. Sancho ser prêso, e arrastado para a Torre de S. Julião, d'onde será precipitado ao mar com uma bala de ferro aos pés.

AFFONSO. — Mas isso é uma traição infame, Arthur!

ARTHUR. — Se estás arrependido, ainda é tempo de o salvar. Julguei que te prestaria nisto um grau de serviço.

AFFONSO. — Sim . . . hei-de salvá-lo . . . é um

attentado horroroso. . . Todas as paixões, que a razão regeita, e vão de encontro á gratidão, e aos nossos deveres, em verdade, são criminosas; e de um crime nunca podem surgir senão desgraças.

ARTHUR. — Pois bem! perdêl-a-has, e sem remédio. . . eu vou já immediatamente dizer a Vasconcellos — que me illudirão, e que D. Sancho é um portuguez hespanholado. (*Vai a sair.*)

AFFONSO, (*agitado.*) — Que fatal sorte! será preciso ser um monstro, para evitar minha desgraça! Arthur! Arthur!

ARTHUR, (*voltando do fundo da scena.*) — Que me queres?

AFFONSO. — Espera. . .

ARTHUR. — Então que decides?

AFFONSO, (*hesitando.*) — Por ora. . . nada faças. . .

ARTHUR. — Mas o homem vai a ser prèso. . .

AFFONSO. — Ah! . . . nesse caso regeito os teus serviços.

ARTHUR. — Então terás de a ver passar aos braços de outro. . .

AFFONSO. — Aos braços de outro! Virginia! ah! isso nunca!

ARTHUR. — E que remedio lhe has-de dar?

AFFONSO, (*com agitação.*) — A minha cabeça se despedaça. . . Sinto rolar dentro d'ella um volcão do inferno. . . Cala-te, Arthur! . . . As tuas palavras são de fogo. . . Tenho mêdo de ti. . . para aqui dirige Adelia os passos. . . retira-te ao meu gabinete.

SCENA VII.

AFFONSO, e pouco depois ADELIA.

AFFONSO. — Adelia! chegou finalmente a hora fatal . . . está já consummada a minha desventura. . .
(*com profunda tristeza.*)

ADELIA. — E' verdade... o Senhor assim o quiz.

AFFONSO. — Não te comprehendo, Adelia!

ADELIA. — A Senhora D. Virginia estava persuadida que o amor, que lhe consagraveis, era o de um bom irmão; por isso, quando D. Sancho a pediu a seu pai para espôsa, ella consentio em tal união, pôsto que nada goste do noivo.

AFFONSO. — E tu sabes com certeza que Virginia não ama D. Sancho?

ADELIA. — Ella mesma o disse.

AFFONSO. — Que me dizes Adelia? Será possível!

ADELIA. — E' o que lhe digo: perguntei-lhe se antes de o noivo a pedir a seu pai, ella já o amava. . .

AFFONSO. — E que te respondeo?

ADELIA. — Que se não fosse seu pai levar muito em gôsto um tal casamento, ella o regeitaria; mas que, como filha obediente, se ha-de sujeitar aos mandatos de seu virtuoso pai, ainda que dahi venha depois a sua desventura.

AFFONSO. — Logo Virginia julga pouco feliz uma tal união!

ADELIA. — Eu assim o acredito, segundo algumas declarações, que me tem feito. . .

AFFONSO. — Então que te ha ella dito?

ADELIA. — Não é meu confessor; e neste caso julgo-me dispensada de communicar-lhe os segredos de uma amiga. . .

AFFONSO, (*com arrebatamento, pegando-lhe na mão.*) — Adelia! pelo que te é mais caro no mundo! já que te salvei, com auxilio da minha sciencia, a vida, abandonada de todos, não sacrificques a minha existencia. . . Dize-me pois, eu te rogo, se Virginia já se esqueceo de seu irmão adoptivo. . .

ADELIA. — E de que utilidade lhe poderá servir qualquer declaração que eu faça? Accordára a tempo.

AFFONSO. — Póde haver ainda algum recurso.

ADELIA. — Como assim? Que ha-de fazer o Senhor? se o Tabellião já está lavrando as Escripturas; e talvez, a estas horas, estejam assignadas!

AFFONSO. — Não importa. . . ainda hoje se não casão.

ADELIA. — E' domingo o dia destinado.

AFFONSO. — Ainda tenho dois dias. . . Basta uma hora para mudar a sorte de grandes imperios. . .

ADELIA. — Para aqui se dirije Virginia. . . Adeos. (*retira-se.*)

SCENA VIII.

AFFONSO, e VIRGINIA.

Affonso, sentando-se todo agitado sôbre uma cadeira, levando um lenço ao rosto; apparece pouco depois Virginia com signaes de profunda dor, mas resignada; derije-se a Affonso, e lhe põe a mão no hombro.

VIRGINIA. — Affonso!

AFFONSO, (*limpando o rosto, levantando-se.*) — Ah! . . . Senhora! sois vós! . . .

VIRGINIA. — Tu choras Affonso! que tens?

AFFONSO. — Não, Virginia . . . minha Senhora . . . não tenho nada. . .

VIRGINIA. — Mas o teu rosto está innundado de lagrimas ! . . .

AFFONSO, (*commovido.*) — Quando a desventura volteia sôbre minha cabeça . . . quando prestes vejo um negro abysmo ante meus pés, e proximo a ser arrojado em sua profunda voragem . . . quando de um homem honrado, grato, e pacifico, me poderei tornar um monstro ! . . . quando . . . Não estranheis, Senhora, de me ver os olhos innundados de pranto. . . é um obscuro, e infeliz mortal, que chora sôbre suas desventuras. . .

VIRGINIA. — Porém, Affonso ! eu julguei que tu eras feliz, e que longe de ti ainda estavam as penas, e os desgostos !

AFFONSO. — Ainda não ha oito dias que se me tornava indifferente a bemaventurança dos anjos ; porque eu era mais ditoso que elles. . . Hoje . . . está tudo mudado . . . já sou muito infeliz. . . Esta cabeça, que em tempo algum ha dado albergue a uma só ideia sinistra, está hoje abrasada com planos de sangue, vingança, e horrores ! Este meu coração, notr' hora tão humano, e sensível, é agora o foco medonho das labaredas do inferno, que inflammão quantos a mim se aproximão. . . Fugi de mim, Senhora ! fugi ! que vos póde matar êste veneno, que respiro. . . Mas ah ! não . . . não ! (*pegando-lhe na mão com ambas as suas.*) deixai-vos estar ao pé de mim, anjo innocente ! . . . Não me abandoneis . . . tende piedade desta minha pobre cabeça . . . do vosso irmão. . .

— VIRGINIA, (*sensibilizada, pegando-lhe nas mãos com todo o carinho.*) — Mas que tens tu, Affonso ! que te aconteceu ?

AFFONSO. — Os meus infortunios, Virginia! são terríveis. . .

VIRGINIA. — Mas porque os occultas á tua amiga, á tua irmã? Talvez, eu, ou meu pai lhes possamos dar remedio.

AFFONSO. — Remedio . . . Virginia! para mim! só na sepultura. . .

VIRGINIA. — Santo Deus! na sepultura! Nutres por acaso idéias de morte, Affonso! queres encher o meu coração de luto, e o meu hymineo de tão funestos presagios?

AFFONSO. — O vosso hymineo, Virginia! pois sempre desposaes D. Sancho!

VIRGINIA. — Meu pai assim o exige. . .

AFFONSO. — E vós amais o espôso, que vos destina!

VIRGINIA. — Não posso responder-te com exactidão; porque até hoje ainda não sei o que é verdadeiramente amar. . .

AFFONSO. — Vosso coração, Virginia! não sente uma doce alegria, quando vêdes D. Sancho? Não ouvís pulsar vosso coração! Não experimentaes uma força occulta, que vos arrebatá para elle, quando se aproxima junto a vós? Não tendes uma triste saudade, quando vos achaes delle distante? Não exalais mil suspiros, quando se passão horas, que o não vêdes? Não vos parece que o tempo corre vagarosamente, desde que foi ajustado o vosso casamento?

VIRGINIA. — O que eu sinto, Affonso, é precisamente o contrario do que acabas de perguntar-me. Quando vejo D. Sancho, assusto-me; quando junto a mim se aproxima, desejava fugir-lhe; quando de mim se ausenta, fico contente. . .

AFFONSO. — Logo, o aborreceis!

VIRGINIA. — Aborrecel-o . . . não . . . Meu pai quer que elle seja meu espôso ; devo obedecer-lhe, e estimar o marido que me destina.

AFFONSO. — Isso é impossivel, Virginia ! . . . estimar o que se aborrece ! . . .

VIRGINIA. — Não é tanto, como dizes, Affonso.

AFFONSO. — Logo estaes decidida a desposar D. Sancho ?

VIRGINIA. — Meu pai assim o ordena . . . que lhe hei-de eu fazer !

AFFONSO. — Já assignastes as Escripturas ?

VIRGINIA. — Ainda não ; vinha chamar-te para servires de testemunha . . .

AFFONSO. — Isso nunca, Virginia ! servir de testemunha da minha desgraça ! . . . Ah ! Virginia ! . . . vós sois a causa da minha morte ! . . .

VIRGINIA. — De tua morte ! . . . Affonso ! Pois que mal te fiz eu ? Não te hei sempre estimado, como meu proprio irmão ? Não chorava eu ; não suspirava, quando corrião dias, e mezes que te não via ? Não ficava eu contente, e satisfeita, quando te aproximavas junto a mim ? Não era eu tua companheira inseparavel, quando vinhas passar as ferias a Lisboa ? Não me tens visto sempre debulhada em pranto, quando de mim te separavas ?

AFFONSO, (*profundamente commovido.*) — Ah ! . . . Virginia ! Virginia ! Dahi é que data a minha ventura ; e hoje a minha desgraça . . .

VIRGINIA. — Explica-te, Affonso ? Eu não te comprehendo !

AFFONSO. — Pois não tendes observado que ainda não ha oito dias, eu vivia contente, como os anjos ? e que desde o momento fatal, em que se pactuou o vosso casamento com D. Sancho, as sombras

da morte vierão enlutar toda a minha existencia? Não tendes por ventura atinado com a evidente causa do meu penar?

VIRGINIA. — Se ainda não ma disseste, como queres que eu te saiba responder?

AFFONSO. — Pois não vos tem ao menos passado pela ideia que me seria impossivel sobreviver, e que me ha-de estalar o coração, vendo nos braços de outro a companheira de minha infancia, a minha estrella polar?

VIRGINIA. — E' verdade que me tenho lembrado te seria sensivel o meu casamento; porém, como ficas em nossa companhia, julguei que te não affligirias. Quanto a mim, estava contente, por ter a certeza de te ver todos os dias. . .

AFFONSO. — Virginia! a vossa innocencia! . . . O vosso coração era o meu thesouro. . . querem roubar-mo . . . devo fugir, para não commetter um crime. . . De hoje em diante, nunca mais nos tornaremos a ver. . . Adeos, Virginia.

VIRGINIA, (*retendo-o pelo braço.*) — Então porque foges de mim? Não posso entender-te!

AFFONSO. — Pois ainda ignoraes que vos adoro, como Deos ama os anjos!? o escravo a liberdade, e o padecente a vida nas escadas do patibulo!

VIRGINIA. — Mas por que sou por ti amada, é que foges de mim? Que estranho amor é o teu, Affonso!

AFFONSO, (*desorientado.*) Virginia! quero que sejaes minha espôsa. . . aliás nunca mais nos tornaremos a ver. . . hei-de morrer. . . mas ha-de ser depois de cravar um punhal no coração de D. Sancho. . . Já me comprehendeis, Virginia? Quereis ver meu cadaver ensanguentado diante de vós, e assistir ao meu entérro, e ao do marido, que vos está destinado?

VIRGINIA. — Santo Deos ! . . . E porque não me declaraste isso ha mais tempo ? Tinhas por ventura receio que eu recusasse ? Quanto és injusto, Affonso !

AFFONSO. — Receava que vosso pai consentisse . . .

VIRGINIA. — Assim mesmo foste imprudente ; devias prevenir-me a tempo ; porque então diria a meu pai, quando me consultou, que eu estava resollida a não mudar de estado ; e desta fórma cumpriria, em parte, os deveres de boa filha, não me casando, satisfazendo a minha promessa, e viveria só para ti, como uma virgem para Deos, a quem se dedica . . . Que deverei eu agora fazer, Affonso ? Que hei-de dizer a meu pai ?

AFFONSO. — Dizei-lhe . . . dizei-lhe . . . Nem eu sei o que . . . Virginia ! não lhe digaes nada. Sêde espôsa de D. Sancho.

SCENA IX.

DITOS, e ADELIA.

ADELIA. — Senhora ! seu pai está já impaciente, por não vê-la apparecer no seu gabinete ! As Escripturas estão já concluidas ; falta-lhes só a assignatura dos noivos, e das testemunhas.

VIRGINIA. — Meu Deos ! que será de mim ? Então, Affonso ! . . . não me acompanhas ?

AFFONSO, (agitado.) — Senhora ! dizei a vosso pai que me sinto bastante incommodado, e que me desculpe de não ir ser testemunha da feliz sorte de sua filha . . .

VIRGINIA. — Feliz ! ah ! bem desgraçada, talvez. (Dá signaes de profundo pezar, levando o lenço aos olhos, lacrimosa. Retira-se acompanhada de Adelia,

e Affonso abysmado, segue-a com a vista até desaparecer.)

SCENA X.

AFFONSO, e ARTHUR.

ARTHUR. — Quanto é bella, e gentil a tua Virginia, Affonso! Ainda não vi em Portugal virgem mais formosa! Quanto feliz não serás, possuindo um tão rico thesouro?

AFFONSO. — Sim . . . muito feliz . . . se não fosse preciso commetter, sabe Deos quantos crimes, para a possuir.

ARTHUR. — A' vista do quanto ella te adora, o negocio é mais facil de arranjar-se do que eu julgava. Basta que ella recuse acceitar a mão de D. Sancho; êste depois sahe para a rua; não é necessario que seja lançado aos peixes.

AFFONSO. — Mas D. Eugenio, Arthur! como poderemos nós vencer êste obstaculo, sem que a sua existencia corra o menor incommodo?

ARTHUR. — Occorre-me uma lembrança, que não desapprovarás.

AFFONSO. — E qual é?

ARTHUR. — Fallo com Miguel de Vasconcellos, conto-lhe o apuro, em que te encontras; peço-lhe uma ordem de prisão para D. Eugenio: previno os officiaes encarregados de o prender, que debaixo de apparencias de amizade lho communicuem em segredo. D. Eugenio, cheio de terror, foge para França, ou Inglaterra; e desta fórma ficas livre d'elle; e depois de casares com a filha, póde voltar para Portugal; impondo tu depois que por teu grande valimento conseguiste do Ministro o seu perdão . . . ainda por cima te ficará muito obrigado.

AFFONSO. — Isso é uma infamia, Arthur! As obrigações, que devo a D. Eugenio, são para mim assás respeitáveis. . .

ARTHUR. — Então que devemos fazer? E se perdes Virginia?

AFFONSO. — Cala-te, Arthur! as tuas palavras são do inferno! . . . tenho mêdo de ti! (*recuando.*) Não me tentes. . .

ARTHUR, (*com ironia.*) — Olha que ficas sem ella!

AFFONSO. — Sem Virginia! eu! . . . sim. . . Sem Virginia. . . mas não commetterei um crime. . .

ARTHUR. — Porém. . .

AFFONSO. — Basta, Arthur! deixa-me? foge de mim? retira-te? que me horroriso só de te ver, anjo dos abysmos!

SCENA XI.

DITOS, D. EUGENIO, e ADELIA.

D. EUGENIO, (*pallido, afflicto, desgrenhado, e correndo.*) — Affonso! Affonso!

ADELIA, (*o mesmo.*) — Senhor Doutor! Senhor Doutor!

AFFONSO, (*espavorido.*) — Que tendes, Senhor! que aconteeço?

ADELIA. — Morreo Virginia!

AFFONSO. — Virginia! . . . ah! . . .

D. EUGENIO. — Affonso! Affonso! minha filha morta! (*Affonso profundamente agitado, corre para o fundo da scena, acompanhado de D. Eugenio, Arthur, e Adelia.*)

AFFONSO. — Ah! morta!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

SITUAÇÃO TERRIVEL.

ACTO II.

*Uma Sala, cujas portas estão fechadas.
Um toucador.*

SCENA I.

Virginia, e um desconhecido, cujas barbas compridas, e espessas lhe não deixão ver as feições. E' noute.

VIRGINIA, (abraçando-o.) — Acabárão as minhas penas! . . . (Neste momento abre-se a porta do fundo, apparece Adelia toda assustada.)

SCENA II.

DITOS, e ADELIA.

ADELIA. — Senhora! Senhora! ahi vem Affonso!

VIRGINIA, (espavorida.) — Affonso! Senhor! recolhei-vos para este quarto! (Introduz o desconhecido, assustado, para o quarto de uma das portas do fundo, fecha-a com a chave, introduz esta no seio, volta á scena toda assustada, desgrenha o cabello, senta-se diante do tremó, e diz.) Adelia! pentea-me. (Esta assim o faz, e passados momentos apparece Affonso vestido com trajo de Medico do Paço, espadin, etc.)

SCENA III.

VIRGINIA, ADELIA, e AFFONSO.

AFFONSO, (*com profunda tristeza.*) — Adeos, Virginia! como passaste?

VIRGINIA. — Não passei bem, Affonso . . . acho-me algum tanto incommodada (*Adelia retira-se.*)

AFFONSO. — Estás tão pallida!

VIRGINIA. — Sabes muito bem que para mim é um martyrio, que muito me penaliza, todas as vezes que vais ficar de semana no Paço.

AFFONSO. — Tambem eu me afflijo bastante; mas que remedio ha senão sujeitar-me a estas contrariedades. A Duqueza de Mantua, Regente do infeliz Portugal, acha-se bastante incommodada em sua saude. Não permite um só momento me afaste do Paço, em quanto ella estiver doente.

VIRGINIA. — E parece-me que tu, segundo me disserão, não desgostas de lhe fazer companhia?

AFFONSO. — Cala-te, Virginia! que me despedaças o coração! Não tenhas ciumes de mim! Que me importa o resto do mundo, tendo eu a fortuna de ser amado por ti.

VIRGINIA. — Mas a tua Virginia não é Princeza.

AFFONSO. — Se tu fôras uma pastora, eu seria o mortal mais afortunado. (*Suspira.*) Teria já unido minha sorte á tua junto aos altares.

VIRGINIA. — Mais afortunado, Affonso! E não poderei eu com meus desvélos completar o que falta para a tua ventura? . . .

AFFONSO, (*beijando-lhe a mão.*) Minha Virginia! minha querida e futura espôsa! tu és um anjo! e Deos com toda a sua omnipotencia não poderia for-

mar uma outra mortal que te excedesse, nem talvez que te imitasse.

VIRGINIA. — Mas tu, Affonso, não vives satisfeito! Ha dois annos que liguei por um juramento occulto a minha á tua sorte, e até hoje ainda se não ha passado um dia, apezar dos esforços que fazes para mo occultares, que não tenha divisado em teu rosto signaes de profunda tristeza! E serei eu talvez a causa de tuas penas! Joven ainda, e sem experiencia, desconhecendo por ventura algum de tantos deveres, e tão importantes, quaes são os de uma Donzella que ha-de ser tua espôsa. . .

AFFONSO, (*pegando-lhe na mão.*) — Não continues, Virginia! Não offendas a Providencia, e a sua mais perfeita obra! Tu és uma copia fiel das virtudes do Ceo, cá na terra. . .

VIRGINIA. — Então porque não vives tu contente comigo? Para que has dito tantas vezes que se eu fosse pobre, ou uma pastora, tu serias mais feliz?

AFFONSO. — E' porque então, Virginia! Teu pai não teria de que me arguir; e tu estarias convencida que Affonso é incapaz de trahir sua futura espôsa, e que é a ella só, e não á sua riqueza. . .

VIRGINIA, (*pegando-lhe na mão.*) — Basta, Affonso! Não continues, te digo eu tambem! Olha que me offendês! Por ventura tenho eu pois duvidado um só momento do teu desinteressado, e grande amor que me has consagrado sempre? Não te hei eu constantemente dado as maiores provas do quanto me considero feliz, por te haver entregado o meu coração, que é todo teu? Não confesso eu com grande orgulho por toda a parte, que tive a fortuna de encontrar em ti o mais desinteressado, e virtuoso. . .

AFFONSO. — Virtuoso, Virginia! dizes tu . . . e teu pai?

VIRGINIA. — Meu pai! . . . é verdade que elle te ha julgado como o principal motor de suas desgraças, e de seu desterro em França, vai já para tres annos; e sôbre tudo tem levado muito a mal que tu sejas partidario do Usurpador Felippe 3.º, e inimigo da tua patria. . .

AFFONSO, (*agitado.*) — Inimigo da minha patria! e partidario de um tyranno! e estrangeiro! . . . De Felippe 3.º! inimigo do desventurado Portugal! E tu, Virginia, tambem me has feito essa injustiça?

VIRGINIA. — E' verdade que acreditei meu pai, comtudo, como sempre encontrei em ti o mais desinteressado, e amante espôso, nenhum valor ligava a essa circumstancia.

AFFONSO. — Tal é meu fatal destino, querida Virginia! que detestando eu do intimo d'alma o tyranno, e chorando em occulto sôbre as desgraças da nossa patria, sou obrigado em publico a beijar a mão, que dezejo morder, e decepar!

VIRGINIA. — Então porque motivo te sujeitas a tão dura condição? E porque não nos retiramos de Portugal, e não vamos reunir-nos a meu querido pai?

AFFONSO. — Nem a Providencia me concede essa consolação, que poria termo a todos meus infortunios. . . Teu pai está persuadido que eu sou o seu maior inimigo. Alcancei, ha quasi dois annos, da Duqueza de Mantua, e de seu Ministro, Miguel de Vasconcellos, um aviso real, que permittia a teu pai voltar para sua casa, não obstante a grande parte que teve na revolução de Evora; porém, apezar das minhas reiteradas supplicas, recusou voltar a Portu-

gal. Julga que é traição minha, para o sacrificar! Ha muito tempo que ando para te communicar êste grande desgosto, que me ha-de talvez bem depressa levar á sepultura; porém receava que tu tambem me aborrecesses... E' o que me falta para completar minha desgraça... talvez já esteja a estas horas consummada...

VIRGINIA, (*abraçando-o, commovida.*) — Aborrecer-te, meu querido Affonso! eu! que te amo como a mariposa a brilhante luz nas trevas da noute?! Eu! que te adoro tanto, quanto o castor os innocentes filhinhos? Quanto és injusto, Affonso! Julgaste-me digna de um tal crime?

AFFONSO, (*beijando-lhe a mão, e ajoelhando.*) — Pois bem, querida Virginia! peço-te perdão... aqui me tens a teus pés...

VIRGINIA, (*abraçando-o.*) — Sim, meu bom Affonso... eu te perdôo de todo o meu coração... mas ha-de ser só por esta vez.

AFFONSO, (*tendo a mão da espôsa entre as suas, a beija.*) — Sim, Virginia... só esta vez; porque nunca mais duvidarei do teu amor...

SCENA IV.

DITOS, e ARTHUR.

ARTHUR. — Affonso! Miguel de Vasconcellos quer fallar-te! está á tua espera...

AFFONSO. — A mim! aonde?

ARTHUR. — Em sua carruagem, junto á tua habitação.

AFFONSO. — Isso é possível?

ARTHUR. — Eu mesmo o acompanhei até á porta

da rua ; não quiz appear-se, e mandou-me dizer-te que pretende fallar-te sôbre um assumpto, que te diz respeito. . .

AFFONSO. — Que me quererá elle ?

ARTHUR. — Tu o saberás. . . Não o faças esperar ; bem sabes que é mal criado, soberbo, e insupportavel (*Affonso sahe com alguma agitação.*)

SCENA V.

ARTHUR, e VIRGINIA.

ARTHUR. — Não vos havia eu dito, Senhora ! tantas vezes, que tinheis uma perigosa rival ?

VIRGINIA. — E' verdade que me haveis dito, que Affonso me tem sido infiel, e que elle não era digno de mim ; comtudo ainda me não haveis apresentado provas algumas que justifiquem as recriminações, que constantemente junto a mim lhe fazeis. Affonso não é tão máo como mo haveis pintado.

ARTHUR. — E eu affirmo qu'elle é peor do que vos tenho dito. . .

VIRGINIA. — E sois vós, Arthur ! que teceis um tal elogio ao vosso condiscipulo, e amigo ?

ARTHUR. — Porque vos estimo mais do que a elle, e por isso desejava que fosseis feliz.

VIRGINIA. — Desejaveis a minha felicidade ? fico-vos obrigada, Arthur. Mas parece-me que em vez de concorrerdes para ella, pelo contrario a envenenaes com as arguições, que constantemente fazeis a meu futuro espôso.

ARTHUR. — Quem nos previne de um mal eminente, faz-nos um bom serviço.

VIRGINIA. — Porém vós ainda me não haveis

apresentado factos, por onde vos possa, ou deva dar credito.

ARTHUR. — Mas posso fazel-o agora. . .

VIRGINIA. — E que podereis vós dizer-me?

ARTHUR. — Que Affonso é um infiel, um traidor, e um ingrato. . .

VIRGINIA, (*tranquilla.*) — E as provas?

ARTHUR. — Atraiçoou horriavelmente o seu bemfeitor . . . vosso pai. . . Foi accusal-o de conspirador, e inimigo de Felippe 3.^o!

VIRGINIA. — E quanto á sua infidelidade para comigo . . . que provas tendes a offerecer-me?

ARTHUR. — Muito fortes.

VIRGINIA, (*com despeito.*) — Se forem como as primeiras, cahirá por terra a vossa obra. . .

ARTHUR. — Pois a fuga de vosso pai para França, a perseguição terrivel que lhe fizerão, e um destêrro de tres annos, não são provas sufficientes?!

VIRGINIA. — E se lhes accrescentardes um aviso, ou ordem regia, que Affonso conseguiu da Duqueza de Mantua, para meu pai voltar á sua patria, sem perigo algum. . .

ARTHUR, (*turbado.*) — Como o haveis sabido? Quem vo-lo ha dito?

VIRGINIA. — Affonso. . .

ARTHUR. — Affonso é um hypocrita.

VIRGINIA. — Não o duvido, visto ter commettido o alto crime de confessar-me, que o grande amor, que me consagrava, o obrigou por conselhos de alguem, a praticar algumas imprudencias, cujos remorsos, diz elle, talvez o levem bem (*com pezar*) depressa á sepultura.

ARTHUR, (*desorientado.*) — E não sabeis que êsse perdão ficou sem effeito? E que se D. Eugenio

apparecesse hoje em Portugal, era logo prêso, e enforcado !

VIRGINIA. — Não havia de ser tanto, como dizeis.

ARTHUR. — E tambem já vos ha dito que está nomeado primeiro Medico da Vice-Rainha ?

VIRGINIA, (*com agitação.*) — Primeiro Medico da Duqueza de Mantua !

ARTHUR. — Eu mesmo, -ainda não ha muito, tive em minhas mãos o Decreto de sua nomeação. Miguel de Vasconcellos já hontem o communicou ao vosso futuro.

VIRGINIA, (*com grande agitação.*) — Será isso possivel ! ?

ARTHUR, (*com signaes de triumpho.*) — E tão possivel, que amanhã ou depois, Affonso, vai acompanhar a Duqueza até as Caldas ; e lá ficará com ella á sua vontade ; porque a Vice-Rainha não quer de modo algum que vós acompanheis o seu primeiro Medico, ou antes o seu amante. . .

VIRGINIA. — Affonso é incapaz de me atraçoar ! não consentirá, e a Duqueza de Mantua é uma Princesa virtuosa.

ARTHUR. — Enganais-vos, Senhora ! Affonso morre de amores pela Duqueza, e esta não menos por elle ; e a prova do que acabo de dizer-vos, é que Affonso contente annuo á pretensão de sua amante. . .

VIRGINIA. — Sua amante !

ARTHUR. — Sim, sua amante, e pela qual sereis sacrificada. . .

VIRGINIA. — E então julgaes que a minha vida corre risco ?

ARTHUR. — Estou disso inteiramente convencido.

VIRGINIA. — E eu desejava vingar-me de um traidor !

ARTHUR. — A empreza não é mui difficil. . .

VIRGINIA. — Quereis vós ser o instrumento de minha vingança?

ARTHUR. — Vós sabeis que eu vos adoro desde o primeiro dia, em que tive a fortuna de vos avistar, não obstante o continuo desprêso, com que me haveis tratado; e que por tanto muito desejaría podêr-vos ser prestayel.

VIRGINIA. — Duvida alguma terei de o sacrificar; e de lhe tirar a vida, se poder. . .

ARTHUR. — Vosso coração, Virginia! approva o que acabais de dizer?

VIRGINIA. — Sim . . . approva. . .

ARTHUR. — E que recompensa me dareis, se eu fôr o vosso vingador?

VIRGINIA. — A que pedirdes. . .

ARTHUR. — Muito bem. . . (*A' parte*) Estou vingado. Quero a vossa mão.

VIRGINIA. — Têl-a-heis. (*Arthur pretende beijar-lhe a mão, Virginia a retira com alguma indignação disfarçada.*) Ainda não, Arthur! . . . quando eu fôr viuva. . . sim viuva; porque o amava como esposa, com quanto o nosso amor seja virgem, como de irmãos.

ARTHUR. — Pois bem! . . . sêl-o-heis depressa. (*Vai a sahir, porém Virginia corre agitada atraz d'elle, agarra-o por um braço, e o retém.*)

VIRGINIA. — Tenho que vos dizer! esperai. Ha muito tempo que eu estava persuadida que ereis um inimigo occulto de meu marido, e da Duqueza de Mantua, de cuja honra nunca duvidei. Fiz-lhe algumas vezes esta observação; mas nunca ha querido acreditar-me. Ha dias que vos deixei persuadir que vós me não ereis indifferente, para dêste modo des-

cobrir a verdade. . . (*Grande abalo em Arthur*) Arthur! A Duqueza é uma mulher honesta, meu futuro marido um homem virtuoso . . . e vós! . . . um monstro do inferno . . . um assassino! . . . Ainda bem que vos conheci. . . Retirai-vos de minha presença. Não me enveneneis com vosso halito pestilento!

ARTHUR, (*abysmado.*) — Virginia. . .

VIRGINIA. — Sahi de minha presença. . .

ARTHUR. — Sim . . . eu sahirei . . . para ir dizer a vosso presumptivo marido que venha cumprimentar o amante de sua mulher. . .

VIRGINIA. — Que ia assassinar-lhe o marido para. . .

ARTHUR. — Não é esse, Senhora . . . é outro mais feliz, que tendes fechado no vosso quarto. . .

VIRGINIA, (*espavorida.*) — Sois um calumniador . . . (*Vai a sahir*) meu espôso me vingará. . .

ARTHUR, (*sustendo-a por um braço.*) — Vêde que estaes perdida! Vosso marido não vos acreditará. . . e eu apresento-lhe verdadeiras provas, logo que abra aquella porta. Sêde pois acessível ao meu amor; e eu occultarei a Affonso vossa fraqueza. . .

VIRGINIA. — Não me acreditará, porque não tenho testemunhas? pois enganais-vos. (*Aproxima-se de uma porta que lhes está fronteira com uma pequena fenda aberta, abre-a, e apparece uma mulher idosa em posição de quem tem estado a escutar, e um homem tambem idoso sentado a uma pequena mesa escrevendo as palavras, que a velha lhe transmite: Arthur fica agitado.*) Vêde pois se tenho testemunhas! observai! é minha fiel criada; cada vez que tendes entrado em minha casa, depois que desconfiei que me querieis corromper, tem ordem minha expressa de escutar todas as vossas palavras, e trans-

mittil-as a seu marido para as escrever. . . Já vêdes pois que tenho testemunhas dos vossos crimes. (*Fecha a porta.*) Pois bem . . . exijo de vós imperiosamente nada declareis ao meu Affonso.

SCENA VI.

DITOS, e AFFONSO (*profundamente pensativo.*)

ARTHUR, (*perturbado.*) — Então, Affonso ! posso dar-te os parabens ?

AFFONSO. — De que ?

ARTHUR. — Do teu novo despacho. . . Porém. . . Adeos . . . tenho de acompanhar Miguel de Vasconcellos. (*Sahe confundido.*)

SCENA VII.

VIRGINIA, e AFFONSO.

VIRGINIA. — Então ! estás feito primeiro Medico da Vice-Rainha ?

AFFONSO. — Quem to ha dito ?

VIRGINIA. — Ó teu grande amigo Arthur.

AFFONSO. — Arthur !

VIRGINIA. — Sim, Arthur. . . e tambem me disse que has-de acompanhar a Duqueza de Mantua até as Caldas, e que lá has-de ficar com ella, durante todo o tempo, em que tomar os banhos. . .

AFFONSO. — E' notavel essa circumslancia ! quem lho diria ?

VIRGINIA. — Has-de levar-me na tua companhia . . . não é assim ?

AFFONSO. — Não posso levar-te, Virginia. . .
has-de ficar em tua casa. . .

VIRGINIA. — E não has-de ter saudades de mim?

AFFONSO. — E podes tu duvidal-o?

VIRGINIA. — E então porque me não levas?

AFFONSO. — Porque a Regente assim o exige. . .

VIRGINIA. — E essa estrangeira, que nos domina, tem algum poder para separar dois corações que se adoram?

AFFONSO. — Julgo que não. Nem eu lho concederia, ainda que o tivesse.

VIRGINIA. — Então o que has-de fazer?

AFFONSO. — O que a minha Virginia desejar, porque a adoro mais que a propria vida.

VIRGINIA. — E se eu me não quizer sujeitar a viver um só dia distante de meu espôso?

AFFONSO. — Has-de ser obedecida. . .

VIRGINIA. — E se eu não quizer que acompanhes a Regente?

AFFONSO. — Já está satisfeita a tua vontade; porque adivinhando-a, desprezei as ordens da Duqueza. . .

VIRGINIA, (*beijando-lhe a mão.*) — Que dizes, meu querido Affonso?

AFFONSO. — Sim, Virginia! desobedei hontem á Regente, e agora mesmo acabo de fazer outro tanto a seu Ministro Miguel de Vasconcellos. . .

VIRGINIA. — Logo, recusaste acompanhar a Duqueza! . . .

AFFONSO. — Nem mais tornarei ao Paço. . . para salvar a sua honra, e a minha da mais vil calumnia.

VIRGINIA. — Como assim?

AFFONSO. — Fui nomeado primeiro Medico da Regente; acceitei a nomeação; porque preciso de ganhar meios de subsistencia; porém, como veio pouco

depois acompanhada da coincidência de ir com a Duquesa para as Caldas, ficando inhibido de levar-te em minha companhia, e de outras circumstancias forçadas pelos seus, e meus inimigos, regeitei tal graça. De hoje pois em diante, minha querida Virginia, terás sempre junto a ti o teu Affonso, sempre prompto a evitar tudo o que te possa motivar algumas penas, ou desgostos.

VIRGINIA. — Eu te agradeço, meu querido Affonso, mais essa grande prova do puro, e virtuoso amor, que me consagras, que alguém já pretendeo falsariamente envenenar. Aceito com profundo reconhecimento o nobre sacrificio, que por minha causa fazes. . . não porque tenha a mais leve desconfiança do meu fiel Affonso, e da honra da Regente.

AFFONSO. — Tambem eu exijo de ti, em recompensa, um sacrificio. . .

VIRGINIA. — E qual é?

AFFONSO. — Tenho feito juramento de não tocar n'um só real que pertença á casa de teus pais; por isso has-de ter a paciencia de te sujeitares a algumas privações; porque devemos contar só com o que fôr meu, com quanto tu não sejas ainda minha espôsa, nem para desgraça minha, o poderás ser talvez.

VIRGINIA. — Posto que eu respeite meu amado, e querido pai, com tudo, parece-me que, sem a menor offensa, e quebra dêste respeito, nós podêmos dispôr ao menos da terça, que minha extremosa, e santa mãe me ha deixado por sua morte. Quanto a meu coração, eu era a senhora absoluta delle, hoje é já teu, embora o teu amor para comigo seja o de um irmão, não ambiciono outro.

AFFONSO. — Virginia! não disponhas de cousa alguma que pertença á casa de teus pais. Nada que-



ro delles senão sua filha, se ma concederem... E' verdade que não poderei fazer grandes interesses pela Medicina, para tratar-te com aquella decencia, de que és digna; comtudo farei quanto fôr possível para que nada te falte.

VIRGINIA. — A tua exemplar hõnradez, o teu amor desinteressado... enche-me de um nobre orgulho... De bom grado... do intimo d'alma abandonarei o fausto, de que até hoje tenho vivido cercada, já que assim o queres. Estabelecerei em nossa casa a mais severa economia, e frugalidade. Despedirei todos os criados, contentando-me apenas com a criada, que me ha servido de mãi, e seu marido; e até mesmo, se quizeres, me sujeitarei contente a fazer o trabalho da casa...

AFFONSO, (*abraçando-a commovido.*) — Não, minha querida Virginia! Tu és um anjo! Não exijo tanto. Pódes conservar todos os teus criados. Felizmente até ahi ainda eu posso.

SCENA VIII.

DITOS, e um CRIADO (*ricamente vestido.*)

CRIADO, (*da porta do fundo.*) — Senhor Doutor!

AFFONSO. — Que me queres?

CRIADO. — Derão-me agora esta carta, recomendarão-me que a viesse entregar immediatamente; porque era de grande urgencia.

AFFONSO. (*O Criado entrega-lhe a carta, e retira-se. Affonso a lê com alguma agitação; finda a leitura, lança rapidas vistas sôbre a porta por onde entrou o desconhecido; Virginia fica agitada, Affonso entrega a carta a Virginia, e lhe diz com*

tranquillidade affectada.) — Lê essa carta Virginia! (*Virginia lê a carta com grande agitação; Affonso vendo Virginia toda trémula, diz á parte*) Santo Deus! ella está convulsa! (*Neste momento ouve-se um grande estampido no quarto, em que se escondeo o desconhecido; Affonso corre com grande agitação á porta; dá-lhe um grande encontrão, resiste; ouve-se movimento dentro; volta para Virginia, que está espavorida, e lhe diz com voz satânica*) Virginia! a chave daquella porta?!

VIRGINIA, (*toda trémula.*) — Affonso! (*Leva as mãos aos olhos, e principia a soluçar: Affonso péga-lhe n'um braço, aperta-a com violencia, e trata-a desapiedadamente.*)

AFFONSO, (*com voz de trovão.*) — A chave daquella porta?

VIRGINIA. — Aqui me tens, Affonso... mata-me! faze de mim o que quizeres... a chave não ta dou...

AFFONSO, (*arrastando-a furioso pelo braço.*) — Desgraçada!... (*Dá-lhe uma grande sacudidella, Virginia dá signaes de dôr, por ser maltratado o braço*) A chave! (*Virginia leva ao peito a mão, que tem livre, como para defender a chave; Affonso percebe este movimento, e depois de uma forte resistencia da parte de Virginia, e aggressão da parte de Affonso, êste tira-lhe a chave; a êste tempo tem-se ouvido um encontrão á porta; Affonso corre a esta com grande agitação; Virginia cahe sem sentidos sôbre uma cadeira, logo que Affonso abre a porta; o desconhecido se apresenta rapidamente no Palco com uma pistola engatilhada; Affonso tendo desembainhado o espadim, corre sôbre o desconhecido, que vai retrogradando para a porta do fundo; e logo êste*

aponta com a pistola ao peito de Affonso. Virginia cahe como morta da cadeira, e fica estirada no chão; Affonso quer picar com o espadim o incognito; o desconhecido vai-se retirando em retrográdo até a porta do fundo; êste, logo que passa a porta do fundo, fecha-a com grande estampido na cara de Affonso; êste dá um grande encontrão á porta, que resiste; Affonso volta furioso, e corre sôbre Virginia, para a traspassar com o espadim; mas vendo-a, rêcua espavorido.) Sangue! ah! morta! (Deixa cahir o espadim, leva as mãos ao rosto, e cahe sôbre uma cadeira.)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

A MISANTHROPIA.

ACTO III.

Uma Sala, que inculca mediocridade; pela porta do fundo divisa-se o mar, nas immediações da Torre do Bogio; ao longe — Pescadores, uns lançando rêdes ao mar, outros na praia, e suas mulheres, limpando as rêdes.

SCENA I.

AFFONSO, com barbas compridas, pallido, desfigurado, e vestido de dó, sentado a uma mesa, em que se achão alguns livros; observa silencioso por alguns momentos os Pescadores; e levanta-se agitado, não tirando a vista do mar.

Felizes entes! . . . vossa ambição não vos avilta. . . Com pouco vos contentaes! e nessa mediocridade está a vossa ventura! . . . Eis a vida, que talvez me estivesse destinada, se não fosse o virtuoso D. Eugenio. . . D. Eugenio! . . . ah! o teu protegido deo-te boa recompensa. . . Estás pago com usura. . . Os affectos, dizias tu, que a razão regeita, e vão de encontro á gratidão, e aos nossos deveres, em verdade são criminosos. . . e de um crime nunca podem surgir senão desgraças. . . Não te enganaste! Roubei-te a filha, que eu tanto amava, porque parecia um anjo! e êsse anjo, ou demonio te ha bem vingado.

SCENA II.

ELVIRA, e AFFONSO.

ELVIRA. — Aqui vos trago, Senhor! êste caldo. . . Haveis de estar muito debilitado. São tres horas da tarde, e ainda sem tomar alimento algum. . .

AFFONSO, (*despeitoso.*) — Retira-te! nada quero. . .

ELVIRA. — Porém, Senhor! lembrai-vos que não podereis existir, sem vos alimentar. . .

AFFONSO. — E que te importa a ti que eu morra?

ELVIRA. — Ah! . . . Senhor! sois meu tio. . . que seria de mim, e de minha avó?

AFFONSO. — As tuas palavras, Elvira! são de serpente, como as dessa mulher que eu tanto amei. . .

ELVIRA, (*chorando.*) — Pois que fiz eu, Senhor! para me tratares tão desapiedadamente? Afastei-me por ventura um só momento de vosso leito, durante trinta dias que meu tio esteve sem esperança de vida? Não estive eu, noite, e dia sem dormir, vigiando attenta? (*Chora.*)

AFFONSO. — As tuas lagrimas, Elvira! são de chrocodilo. . . Deixa-me! vai-te!

ELVIRA, (*estremecendo, e deixando cahir a te-gela.*) — Ah! (*Retira-se assustada.*)

AFFONSO. — Elvira!

ELVIRA, (*obedece, tremendo.*) — Aqui estou, Senhor! que me quereis?

AFFONSO, (*pegando-lhe na mão.*) — Tu não sabes, Elvira, que eu estava para me casar?

ELVIRA. — Sim, meu tio. . .

AFFONSO, (*largando a mão, com irrisão.*) — Pois bem. . . minha espôsa, era gentil, como tu és. . . e parecia um anjo, como tu pareces. Suas palavras

erão cheias de uma arrebatadora, e celestial doçura! A innocencia parecia brilhar em seu rosto de cherubim... Dizia que amava seu espôso na terra, como a Deos no Ceo... que eu era o seu idolo... e no mesmo instante, em que meditava a mais deshonrosa traição! Agora é uma fementida, e criminosa... uma mulher como as outras.

ELVIRA. — E quem sabe, Senhor! se alguma negra calumnia... algum traidor, ou invejoso... Acontecem tantas cousas neste mundo, meu tio...

AFFONSO. — Não, Elvira... eu mesmo vi a minha deshonra...

ELVIRA. — Mas quantas vezes nos enganão os sentidos? Quantas victimas tem, como criminosas, subido ao cadafalso; e, depois de mortas, se ha reconhecido estarem innocentes.

AFFONSO. — Mas o desaparecimento de Virginia não prova, com evidencia, a sua, e minha deshonra?

ELVIRA. — Porém, Senhor! aquella carta de despedida, que vos foi entregue, não prova que ha um grande mysterio no seu desaparecimento? Se ella fosse criminosa, podia continual-o a ser em seu palacio; visto que meu tio a abandonou...

AFFONSO. — E' porque quiz ir viver occultamente com o seu amante.

ELVIRA. — Mas, Senhor! ella assegura-vos que um dia virá, em que reconhecereis sua innocencia.

AFFONSO. — O maior criminoso sempre diz ao seu Juiz que está innocente.

ELVIRA. — Ah! meu tio! quanto sois injusto para com a especie humana! Em todas as suas acções só divisaes veneno, e maldade.

AFFONSO. — Seria loucura rematada duvidar dos sentidos.

ELVIRA. — Sim, meu tio ; mas é quando a razão approva o testemunho dos mesmos. A Senhora D. Virginia abandonou-vos toda a sua casa ; nada levou comsigo, e disse-vos n'uma carta que ia cuidar de uma vida, que lhe era cara. . . Quem sabe pois, Senhor, a quem pertencerá essa vida ?

AFFONSO. — Ao seu criminoso amante. . .

ELVIRA. — Como pois acreditar que aquelle anjo seja culpada ? Eu poria as mãos sôbre o fogo, e havia de jurar que ella está pura, como as flores.

AFFONSO. — Tu conhecestes Virginia, Elvira ? Viste-a alguma vez ?

ELVIRA. — Sim, meu tio, muitas. . .

AFFONSO. — Aonde ?

ELVIRA. — Aqui mesmo em casa de minha avó.

AFFONSO. — Como assim ?

ELVIRA. — E' verdade, meu tio ; muitas vezes aqui veio, acompanhada de sua amiga Adelia, ver minha madrinha, que tanto a amava, como se fosse sua propria filha.

AFFONSO. — Porém minha mãe jámais me ha fallado em tal circumstancia !

ELVIRA. — E' porque assim lho havia recommen-
dado a Senhora D. Virginia.

AFFONSO. — Mas que vinha ella aqui fazer ?

ELVIRA. — Saber se nos faltava alguma cousa ; e para minha avó lhe ensinar quaes erão os deveres de uma verdadeira espôsa, mãe, e dona de casa.

AFFONSO. — E minha mãe. . .

ELVIRA. — Levava horas inteiras ensinando-lhe as mais santas maxims de moral, que ella pratica, e que a tem tornado respeitavel por êstes sitios, como uma divindade ceeste, e bemfeitora.

AFFONSO. — E minha mu. . . Virginia ?

ELVIRA. — Escutava, e ouvia suas sabias lições com o maior respeito, e innocencia. . .

AFFONSO, (*agitado.*) — Cala-te, Elvira! . . . cala-te! não quero ouvir-te. . . Perdi um anjo. . . Maldição, e anathema ao traidor, que ma corrompeo! . . . (*Dá signaes de profunda dôr, soluça, leva o lenço aos olhos, depois enfurece-se, apresenta um gesto, e rosto terrivel, dando uma grande pancada com o punho sôbre a mesa.*) Hei-de enterrar-lhe um punhal no peito, em qualquer parte que o encontre. (*Com voz medonha.*)

ELVIRA. — Ah! Senhor! que tendes?

AFFONSO. — Não é nada, Elvira. . . não tenho nada. . . Vai buscar-me alguma cousa. . . quero comer. . . preciso conservar a todo o custo a vida, para tirar uma negra, e espantosa vingança. . .

SCENA III.

Um PESCADOR, AFFONSO, e PEDRO (*vestido como no segundo Acto.*)

AFFONSO. — Então, Pedro! que ha de novo?

PEDRO. — Um de meus espias. . . este Pescador, que vêdes aqui, veio agora dizer-me que um de seus companheiros, a que tambem encarreguei da missão, de que estou incumbido, lhe ha participado hoje de manhã, que proximo da Costa, junto á Trafaria, em uma habitação antiga, haverá dois mezes existe um desconhecido, tendo em sua companhia uma mulher, que, com quanto trage pobrememente, não parece com-tudo, por sua formosura, e delicadas maneiras, pertencer á classe, que indica.

AFFONSO. — Grande Deos! se fosse elle!

PEDRO. — Como ha mais de dois mezes, que inutilmente eu, e doze homens, meus commissionados, não obstante as maiores diligencias, nada temos descoberto, achei que devia primeiro que tudo, dar-vos parte desta circumstancia. Eu me dirijo pois immediatamente para a costa do mar, na companhia dèste pescador. Virei, logo que poder, dar-vos parte do que descobrirmos.

AFFONSO. — Vai, Pedro! não has-de perder o tempo . . . has-de ser bem recompensado, se descobrires essa desgraçada.

PEDRO. — Fique Vossa Senhoria descansado, que lhe hei-de fazer todas as diligencias. (*Vai a sahir, mais o pescador.*)

AFFONSO. — Pedro! -bem será que vás em trajos desconhecidos.

PEDRO. — Trago por baixo dèste um fato de pescador.

SCENA IV.

AFFONSO (*só, e pensativo por momentos.*)

Apezar da minha deshonra, ainda tenho saudades daquella infeliz! Parece-me que ainda a amo! . . . se eu a não tratasse tão mal, depois do seu crime, póde ser que ainda se arrependesse! . . . Fui sevéro de mais. . . Que é pois o coração humano? . . . Um ser inconcebivel! Um conjuncto de contradicções! . . . Um as vezes, docil, terno, e brando! Outras, altivo, soberbo, e insupportavel! Agora, piedoso, logo, cruel! De manhã, constante . . . de tarde, um traidor! Exigir pois constancia do que por sua natureza é voluvel, passa a refinada loucura. . . Immutavel! só os rochedos! . . . Mas que digo! ah! insensato! longe

de mim tal opprobrio ! esquecer um crime, que nunca deve olvidar-se !

SCENA V.

AFFONSO, e MARIA (*lacrimosa.*)

AFFONSO. — Porque choraes ? quereis alguma cousa ?

MARIA. — Senhor ! meu marido está perigosamente doente ! que será de mim, se elle morrer ? Não lhe sobreviverei. . . Tende piedade desta infeliz. . .

AFFONSO. — Então que pretendeis que eu vos faça ?

MARIA. — Que lhe receiteis algum remedio, que mo salve, Senhor !

AFFONSO. — Mas vós amais vosso espòso ?

MARIA. — Como a Deos no Ceo, Senhor vizinho !

AFFONSO. — E elle corresponde-vos ?

MARIA. — E' muito bom marido. . .

AFFONSO, (*despeitoso*) — Eu pergunto-vos se elle é vosso amigo ?

MARIA, (*com hesitação.*) — Sim, Senhor. . .

AFFONSO. — Porém consta-me que elle vos não trata bem.

MARIA. — E' engano, Senhor. . . trata-me muito bem.

AFFONSO. — E vós sois amiga realmente de vosso marido ?

MARIA. — Muito. . .

AFFONSO. — E dezejais que eu vol-o salve ?

MARIA. — Ah ! Senhor ! seria êsse o maior beneficio que vós, e a Providencia, me poderião fa-

zer. . . Que será de mim, se ficar viuva ! hei-de acompanhá-lo. . .

AFFONSO, (*com ironia, e sentimento.*) — Também ella assim dizia muitas vezes ! Nunca se affastava de seu leito, quando se achava enfermo ! Queria morrer, se elle morresse . . . debulhava-se em pranto ; e suas lagrimas erão um balsamo consolador, que lhe restituíão a vida ! e elle louco acreditou que era amado ! Essas lagrimas, que parecião manar dos olhos de um anjo, erão lagrimas de serpente ! Essas palavras que, ao ouvil-as, se julgarião vibradas pelos labios da casta innocencia, erão nascidas de uma alma desleal, poluta, e corrompida. . .

MARIA. — Santa Maria Virgem ! que estaes a dizer, Senhor ? !

AFFONSO. — Que havia uma mulher, que como vós, tambem chorava, quando seu marido estava enfermo ! Dizia igualmente, como vós dizeis, que havia de acompanhar á sepultura o marido, que tanto a amava. . . que nella via a sua existencia, e seu mundo, e o seu throno. . . (*Grande agitação, e profunda dôr.*) E atraiçoou-me ! . . . a mim . . . que tanto a'mei. . .

MARIA. — Mas se essa mulher foi infiel, não se póde concluir dahi, que as mais o sejão. . . Seria alguma louca. . .

AFFONSO, (*despeitoso.*) — Era uma mulher virtuosa, e bella como ha poucas . . . amava seu marido com um amor tão puro, como ninguem jámais ha amado, . . . e elle correspondia-lhe . . . mas assim mesmo foi infiel ! E que mulher poderá ser para o futuro constante, se Virginia o não foi ? ! . . . Nenhuma. . .

MARIA. — Não digaes isso, Senhor ! ainda ha muita mulher honrada. . .

AFFONSO, (*com ironia despeitosa.*) — Muita mulher honrada! . . . Palavras vans, e sem sentido . . . Quando aquella, sendo um anjo, foi desleal, e criminosa, que há a esperar do resto?

MARIA, (*resentida.*) — Senhor Doutor! eu venho pedir-vos vos dignéis ir ver meu marido?

AFFONSO. — Hide para vossa casa, que eu daqui a pouco lá me acharei. (*Maria sahe da scena. Vê-se chegar á borda, ou margem do Tejo, proximo da habitação de Affonso, um bergantim real, ricamente armado, donde desembarcão damas, trajando com toda a magnificencia, etc. etc. e se dirigem para a habitação de Affonso, que attento, e taciturno observa a direcção que tomão.*)

SCENA VI.

AFFONSO (*só.*)

Que quer isto significar? A Duqueza de Mantua, e seu Ministro por estes sitios! . . . Para aqui se dirigem! . . . Porque me não deixão, assim como eu os desprezei? . . .

SCENA VII.

AFFONSO, e ELVIRA.

ELVIRA, (*trazendo uma bandeja.*) — Meu tio! aqui vos trago um caldo, e um bocadinho de gallinha.

AFFONSO, (*attento para a praia.*) — Não se trata agora disso. . . Para aqui se dirige a Vice-Rainha, e Miguel de Vasconcellos . . . dize-lhes que estou ainda

gravemente enfermo, e de cama, que lhes não posso fallar. . . Ouviste?

ELVIRA, (*olhando para o mar.*) — A Duqueza de Mantua! e Miguel de Vasconcellos! Ah! meu tio! quem me dera ser homem! A nossa infeliz patria ficaria hoje livre de um tyranno. . .

AFFONSO. — Alguem apparecerá, e talvez não tarde muito. (*Vai a retirar-se, e neste momento entra em scena Miguel de Vasconcellos, e logo depois, a Duqueza, Damas, etc. Affonso despeitoso suspende o passo, mordendo os beiços.*)

SCENA VIII.

AFFONSO, VASCONCELLOS, DUQUEZA, e DAMAS, etc.

VASCONCELLOS, (*adiantando-se.*) — Muito me alegre de vos ver já de pé, meu Doutor! a Senhora Duqueza quiz pessoalmente vir saber da vossa saúde! . . .

AFFONSO, (*vendo aproximar a Duqueza.*) — Muito vos agradeço Real Senhora! o cuidado, que vos dignaes tomar pela vida de um infeliz, e obscuro mortal, que fugio espavorido do mundo, e de seus horrores. Sinto pois, Senhora! não podèr apresentar-vos uma sala, digna de Vossa Alteza. E' na choupana de um infeliz portuguez, em que vos dignastes entrar. Não tenho ricos sofás, que vos offereça para sentar-vos. . . Se quizerdes servir-vos dessas pobres cadeiras. . .

DUQUEZA. — Disserrão-me que a vossa existencia se achou em grande risco, e para vos dar uma não equivocada prova do apreço, em que sempre terei os

bons serviços, que, como meu medico, me haveis feito, quiz eu pessoalmente vir saber de vossa saude.

AFFONSO. — Sou sòbremodo sensível, Real Senhora, á honra, que vos dignaes fazer-me. . .

DUQUEZA. — Mas achais-vos já livre de perigo? Estaes tão demudado! . . .

AFFONSO. — A causa de meu padecer ainda se não ha extincto, Senhora! e é provavel que bem de pressa me arraste êste fragil corpo á sepultura. . .

DUQUEZA. — E não poderá ter o vosso mal algum remedio, Affonso?

AFFONSO. — Já tudo acabou para mim neste mundo de traições. . . O meu mal existe no espirito. . . êste está fóra da jurisdicção de toda a medicina. . . Uma cova, e uma lousa de sete palmos, é só o remedio que desejo. . . não é difficil. . . já o tenho nas mãos. . . (*Grande sensação na Duqueza, e suas Damas.*)

DUQUEZA. — Tão novo, e já aborrecido da vida, Affonso!

AFFONSO. — Quando nos sentimos feridos, e sem remedio, nas mãis delicadas fibras do coração, a morte é um beneficio da Providencia. . .

SCENA IX.

DITOS, PEDRO, e alguns PESCADORES.

AFFONSO, (*todo agitado, correndo a Pedro.*) — Era ella? Virginia! . . .

PEDRO. — Ella mesma, Senhor. . . eu proprio a vi. . .

AFFONSO, (*como delirante, com voz de trovão.*) — Ah! estou contente! hei-de vingar-me! acompa-

QUADRO MEDONHO.

ACTO IV.

Uma Sala espaçosa de um palacio arruinado pelo tempo, deixando ver ainda vestigiõs de passada grandeza. Divisa-se em alguma distancia o mar junto á costa da Trafaria, e o sol quasi no seu occaso.

SCENA I.

JULIA (*arranjando algumas cadeiras, etc. e pouco depois ANACLETO com um grande cêsto no braço.*)

ANACLETO. — Adeos, minha formosa Julia! como passaste?

JULIA. — Muito bem, e o Senhor Anacleto?

ANACLETO, (*pousando o cêsto.*) — Eu não vivo contente senão quando te vejo, encantadora Julia.

JULIA. — Pois então alegrar-se-ha poucas vezes; porque a Senhora recommendou-me hoje de manhã que não lhe tornasse a comprar o seu pão, visto ser muito ordinario; e desta fôrma não haverá motivo para aqui se dirigir.

ANACLETO. — Isso seria para mim uma grande infelicidade! fica descansada, minha bella Julia, que de hoje em diante hei-de trazer-te pão, que se possa apresentar na meza de um Principe; só para te ver todos os dias... mas por que não gostará a Senhora do meu pão, quando nenhum de meus freguezes me

ha dito mal delle? Será por ventura alguma fidalga?

JULIA. — Estou aqui á dois mezes, e ainda não pude saber quem ella é. Desconfio que será talvez alguma alta personagem, assim como o Senhor; que aqui vivão disfarçados para evitarem a perseguição dêsse governo de assassinos da Duqueza de Mantua; dessa presumida estrangeira, que nos julga escravos de Hespanha.

ANACLETO. — Se queres que te diga a verdade, tambem eu assim o tenho julgado. . . A Senhora tem umas maneiras tão delicadas, e umas mãos, e pelle de cara tão mimosas. . .

JULIA. — E' verdade. . . e um coração que parece de Santa.

ANACLETO. — E' casada?

JULIA. — Não sei; mas é certo que o Senhor a adora como a um anjo.

ANACLETO. — Mas que lhe vem a ser teu amo? é amante, ou espôso?

JULIA. — Tambem até hoje o não pude saber.

ANACLETO. — E' necessario que sejas mui pouco curiosa, ou então muito simploria. Pois estás aqui ha dois mezes, e ainda não sabes se acaso são amantes, ou casados?!

JULIA. — Tenho-lhe feito minhas diligencias, mas nada descobri.

ANACLETO. — Dormem juntos, ou separados?

JULIA. — Tambem não sei.

ANACLETO. — E' notavel! quantas camas fazes todos os dias?

JULIA. — Tres; a minha, a da Senhora, e a de meu amo.

ANACLETO. — Onde dorme tua ama?

JULIA. — No quarto junto ao de meu amo.

ANACLETO, — Ah! ah! ah! Um homem, é uma mulher formosa... bem entendo... Como se chama a Senhora?

JULIA. — Parece-me que o seu nome é Virginia.

ANACLETO. — Virginia! é um nome bem bonito... E de quem é este grande, e velho palacio?

JULIA. — E' do Senhor Duque de Bragança.

ANACLETO. — Ah! então já precebo... teu amo é amigo do que ha-de infallivelmente ser Rei de Portugal, e tua ama alguma criada que veio tratá-lo na sua doença... Deos o avivente, porque ha-de ser bom portuguez...

JULIA. — Para aqui se dirigem meu amo, e a Senhora... retire-se, que eu faço outro tanto, para que não desconfiem. (*Sahem cada um por diversa parte.*)

SCENA II.

VIRGINIA, e um INCOGNITO (*encostado ao braço de Virginia; vem a passos lentos, e tremulos. E' noute.*

Virginia conduz com demonstrações do maior carinho o Incognito a um sofá.)

VIRGINIA. — Sente-se mais alliviado com o pequeno passeio que demos no Jardim?

INCOGNITO. — Sim, minha querida Virginia... estou muito melhor... que grandes obrigações te não devo eu, Virginia! (*Péga na mão desta, e a beija com grande commoção; Virginia beijando-lhe igualmente a mão, e levando esta ao peito.*)

VIRGINIA. — A mim, Senhor! Pois que lhe fiz eu?

INCOGNITO. — Sim, a ti!... se não fosses tu, talvez a estas horas eu estaria já na sepultura. O sacrificio, que por mim has feito, é muito grande.

VIRGINIA. — Cumpri o meu dever, Senhor.

INCOGNITO. — Mas um dever terrível, que te ha feito passar por criminosa na opinião do homem, que tinhas escolhido para teu marido.

VIRGINIA. — Não importa, Senhor! estou contente com os pequenos serviços, que do intimo d'alma vos hei prestado; porque com elles, segundo dizeis, conservei a vossa vida, que tão cara me é.

INCOGNITO. — Porém, Virginia, eu estou já livre de perigo, e neste caso achava prudente que voltasses para a companhia de teu Affonso.

VIRGINIA. — Estou inteiramente resolvida não separar-me de vós, em quanto a vida mo permittir; a vossa sorte ha-de ser a minha; para onde fordes, hei-de eu ir tambem. . . arrebatárão-vos uma vez dentre meus braços. . . ia-me custando a vida. . . Não nos separarão segunda. . .

SCENA III.

DITOS, e JULIA.

JULIA, (ao Incognito.) — Senhor! um individuo, que diz se chama Ribeiro, pretende fallar a Vossa Senhoria.

INCOGNITO. — Pódes mandal-o entrar (*Julia sahe; e o Incognito péga com todo o carinho na mão de Virginia, e lhe dá um beijo na face.*) Até logo, Virginia. . . com quanto eu confie muito no grande amor, que me consagras, e possa manifestar-te todos os meus segredos, todavia has de permittir-me, minha querida filha, que teu pai fique só por alguns momentos nesta Sala com um fiel amigo do Senhor

D. João, Duque de Bragança, unico descendente que nos resta da familia de nosso Rei.

VIRGINIA. — Sim, meu pai. . . (*Beija-lhe a mão.*)

SCENA IV.

RIBEIRO, e D. EUGENIO.

RIBEIRO. — Muito me alegre de vos ver já livre de perigo, Senhor!

D. EUGENIO. — Agradeço-vos, João Pinto Ribeiro, o interesse que tomaes na minha saude . . . mas que ha de novo? Como vai o nosso projecto?

RIBEIRO. — Pedro de Mendonça ainda não chegou de Villa Viçosa. . .

D. EUGENIO. — Póde ser que lá não encontrasse o Duque de Bragança.

RIBEIRO. — Nêsse caso devia-nos já ter prevenido por meio de um expresso. Ha já quinze dias que sahio de Lisboa.

D. EUGENIO. — Se quereis que vos diga a verdade, eu receio muito, não acontecesse alguma desgraça ao Duque de Bragança. . . O Duque d'Oliveres, e Filippe 4.^o não descansão em quanto o não sacrificarem.

RIBEIRO. — E eu tambem receio bastante Miguel de Vasconcellos. . . Póde muito bem ser que elle vigie os nossos passos. . . quem sabe se a estas horas Pedro de Mendonça estará agarrado?

SCENA V.

DITOS, e JULIA.

JULIA, (*da porta do fundo.*) — Senhor ! Um individuo que diz se chama Cunha, pretende fallar a Vossa Senhoria.

D. EUGENIO. — Pódes dirigil-o para aqui.

SCENA VI.

DITOS, menos JULIA.

RIBEIRO. — Cunha !

D. EUGENIO. — E' D. Rodrigo da Cunha. . .

RIBEIRO. — O Arcebispo ? !

D. EUGENIO. — Sim, o Arcebispo de Lisboa. . .

RIBEIRO. — Mas não tendes advertido que é sobremodo perigoso que uma Personagem tão conhecida, e um dos principaes conjurados appareça por estes sitios ?

D. EUGENIO. — Não tenhaes susto ; porque costuma sempre vir só, e em trajos desconhecidos.

SCENA VII.

DITOS, e o ARCEBISPO.

ARCEBISPO. — Não vos incommodeis, D. Eugenio . . . deixai-vos estar sentado. . . Como vos achaes ?

D. EUGENIO, (*beijando-lhe a mão.*) — Estou quasi restabelecido, Senhor. . . Só o que me contraria bastante é uma grande debilidade, que sinto nas pernas. . . Está esse grande dia proximo, porque ha tanto

tempo suspiro . . . e que da França me trouxe aqui, e não hei-de podêr pegar n'uma espada, ou em uma espingarda.

ARCEBISPO. — Tende confiança em Deos, D. Eugenio. . . Ainda hoje é o primeiro de Novembro de 1640. Estamos á espera da resposta do Duque de Bragança ; se fôr favoravel, e quizer acceitar o throno de seus maiores, hoje manchado por um Usurpador, e Estrangeiro, só lá para o fim do mez sahiremos á rua, e faremos tremer o tyranno ; e vós já então estareis um Hercules.

RIBEIRO. — E se o Duque não quizer acceitar o sceptro ?

ARCEBISPO. — Essa cobardia é impropria da casa de Bragança, que deo sempre Varões illustres, que jámais consentirão algemas na sua patria. . .

SCENA VIII.

DITOS, e JULIA.

JULIA, (*no fundo da scena.*) — Senhor ! chegãrão agora muitos individuos á porta do Castello . . . parecem Castelhanos . . . estou a tremer. . .

RIBEIRO, (*assustado.*) — Castelhanos ! Santo Deus ! estamos perdidos !

ARCEBISPO. — João Pinto Ribeiro ! Ide ver das janellas quem é, e o que pretendem ?

SCENA IX.

D. EUGENIO, e o ARCEBISPO.

D. EUGENIO. — Seria descoberta a minha morada !

ARCEBISPO. — Tenho algum receio, que o estranho desaparecimento de vossa filha tenha dado motivos a vosso futuro genro de . . .

D. EUGENIO. — Não receieis, Senhor por êsse lado ; Affonso julga que eu estou ainda em França. . .

ARCEBISPO. — Mas procurando o suppôsto amante de vossa filha, descobriria onde existe o pai. . .

SCENA X.

DITOS, e RIBEIRO.

RIBEIRO. — Não vos assusteis, Senhores ! é gente amiga. . .

ARCEBISPO. — Quem é ?

RIBEIRO. — São o Doutor João Pedro da Cunha, D. João Pinto Pereira, Prior de S. Nicoláo, D. Antonio d'Almada, Francisco de Mello, Escudeiro Mór, Jorge de Mello, e Antonio de Saldanha, e um outro que não conheci.

D. EUGENIO, (*com jubilo.*) — Os principaes campeões da Conjuração ! Mandai-os entrar.

RIBEIRO. — Já antecipei vossos dezejões, para aqui se dirigem.

SCENA XI.

DITOS, OS CONJURADOS, e PEDRO DE MENDONÇA. (*Os Conjurados cumprimentão o Arcebispo, Ribeiro, e D. Eugenio.*)

D. EUGENIO, ARCEBISPO, e RIBEIRO, (*ao mesmo tempo.*) — Pedro de Mendonça !!

MENDONÇA, (*a D. Eugenio.*) — Eu mesmo. . . ás vossas ordens, Senhores !

D. EUGENIO, ARCEBISPO, e RIBEIRO, (*ao mesmo tempo.*) — E o Duque de Bragança!

MENDONÇA. — Está bom de saude.

ARCEBISPO. — Aceitou...

MENDONÇA. — Trago boas novas...

D. EUGENIO. — E quaes são?

MENDONÇA. — Não encontrei o Duque em Villa Viçosa: estava na sua quinta; lá me dirigi. Fallei-lhe do importante negocio, de que ia incumbido; disse-lhe em muito claro portuguez, que estavamos resovidos a derribar o tyranno, e que nossa resolução era irrevogavel, ou quebrar os ferros, que nos opprimem, ou morrer juntamente com a patria; que era da vontade unanime de todos os Conjurados acclamar-mol-o Rei de Portugal; que embora elle acceitasse, ou não, havíamos de bater-nos com os nossos oppressores. O Duque ficou espavorido, e consultando seu Secretario, Antonio Paes Ribeiro, e a Senhora Duqueza, sua digna espôsa, respondeo-me que acceitava o sceptro, e que dava por bem feito, quanto nós fizessemos...

D. EUGENIO, (*levantando-se com enthusiasmo, mas tremendo-lhe as pernas.*) — Contai igualmente comigo... estas pernas... se me não ajudarem, alguem me levará ás costas...

RIBEIRO. — Tende paciencia, D. Eugenio... o estado de vossa saude não póde ainda soffrer grandes commoções. Com quanto pois fosse vantajosa á patria uma espada, brandida por D. Eugenio; todavia sua existencia não lhe deve ser menos cara. Tranquillizai-vos pois. O numero dos Conjurados já não é pequeno; ficai certo que o tyranno ha-de ser esmagado, e a patria salva, ou nós juntamente aniquilados com ella.

ARCEBISPO. — Senhores ! parecia-me prudente que nos retirássemos já, e fossemos tratar dos meios de pôr em execução o nosso projecto. Sou pois de parecer que esta mesma noute haja uma reunião no palacio de D. Antonio d'Almada.

Todos. — Estamos conformes.

D. EUGENIO, (*tremulo.*) — E eu quero acompanhar-vos tambem. . .

ARCEBISPO. — Cuidado com a vossa saude, D. Eugenio ! Agora nada podeis fazer . . . tratai de vós ; pôde ser que brevemente vos acheis melhor. . . Adeos. (*Todos se despedem de D. Eugenio, êste fica abatido, sôbre o sofá ; toca uma campainha, acode Virginia, que acha o pai summamente anciado.*)

SCENA XII.

VIRGINIA, e D. EUGENIO.

VIRGINIA, (*correndo afflicta para junto do pai, e pegando-lhe nas mãos.*) — Meu pai ! que tem ? está incommodado ?

D. EUGENIO, (*com voz desfallecente gradualmente.*) — Não estou bom, Virginia. . . Não sei que sinto. (*Neste momento apparece um criado ; traz uma garrafa da Botica.*)

SCENA XIII.

DITOS, e um CRIADÒ.

CRIADÒ. — Senhora ! aqui está o remedio. O Boticario disse que o doente devia tomar um copo de tres ao quartilho, e quebrado da friura.

VIRGINIA, (*afflicta.*) — Senhor! Senhor! (*D. Eugenio não responde, está como inanido, recresce o susto em Virginia, dá signaes de grande afflicção; dirige a falla ao Criado.*) Ide a toda a pressa, chamar um Medico, ou Cirurgião! (*Sahe. Virginia aproxima o rosto ao de seu pai; chora, e afflige-se.*) Meu pai! Senhor! Não me ouve! Santo Deos! que será de mim! Meu pai! Meu pai! . . . está frio . . . gelado! meu Deos. (*Redobra o pranto, toca a campainha, apparece Julia.*)

— SCENA XIV.

VIRGINIA, e JULIA.

JULIA. — Minha Senhora . . . que tem . . . chora . . .

VIRGINIA. — Que será de mim, Julia? meu pai . . . o Senhor . . .

JULIA, (*encarando D. Eugenio.*) — Ah! morto! o Senhor! (*Chorão ambas. Virginia torna a chegar seu rosto ao do pai; escuta se respira; experimenta-lhe o pulso, mette-lhe a mão no seio.*)

VIRGINIA. — Meu Deos! protegei-me! ainda lhe pulsa o coração! Salvai-mo, Senhor! (*Prostra-se de joelhos. Ouve-se o toque da campainha.*)

JULIA. — Lá tocão, Senhora!

VIRGINIA, (*ainda de joelhos.*) — Vai de pressa! Julia! se fôr o Medico, conduze-o aqui sem demora. (*Julia corre á porta do fundo; Virginia não desampara o pai; passados momentos apparece Affonso, vestido de um modo singular, e disfarçado quanto é possivel.*)

SCENA XV.

AFFONSO, JULIA, e VIRGINIA.

JULIA. — Senhora! aqui está o Senhor Doutor Medico. (*Retira-se.*)

VIRGINIA. — Senhor! salvai-mo! tende compaixão de mim!

AFFONSO, (*depois de uma grande luta, que parece lhe tolhe o movimento, e a razão, infurece-se, agarrando-lhe pelo cabello, arrastando-a junto do pai, e a trata deshumanamente.*) — Salvar-to, traidora! e é a mim que o pedes! (*Dá-lhe uma grande sacudidella, deita-a por terra pisando-a com os pés, e vai a descarregar sôbre o pai o espadim que desembainha, depois de havel-a ferido com o mesmo no peito.*)

VIRGINIA. — E' meu pai, Affonso!

AFFONSO, (*horrorizado, deixa cahir o espadim, depois de reconhecer o moribundo.*) — Teu pai! ah! que horror! (*Cae como morto.*)

FIM DO QUARTO ACTO.

O QUE NINGUEM ESPERA.

ACTO V.

Uma Sala sumptuosamente mobilada ; portas lateraes e duas no fundo.

SCENA I.

AFFONSO, *vestido de luto, pallido, desfigurado, vem do fundo a passos lentos, lançando vistas espavoridas por todos os lados, suspendendo o passo, horrorizado.*

Ah ! ainda aqui me não largaes ! ! Deixai-me ! . . . deixai-me ! . . . eu já vos acompanho . . . Quereis arrastar-me ás profundas voragens do inferno ! Esperai ! Esperai ! eu já lá vou ! Um monstro, como eu, só das chammas é que é digno, e de tão boas companheiras, como vós, filhas do abysmo . . . Ah ! (*Chora*) vou deixar-te, Virginia ! . . . Virginia ! Mulher angelica ! Creatura celeste . . . Perdoaste-me ! a mim ! ao teu assassino ! ao matador de teu pai ! Pois bem ! devo dar-te agora a recompensa . . . Comigo já não podes ser feliz . . . A minha vista ha-de horrorizar-te . . . cessemos de viver . . . e vós, Deos de misericordia ! perdoai-me ! (*Tira um vidro do bolso, destapa-o, horroriza-se, olhando para elle, sente passos ao longe, escuta, bebe o veneno que tem o vidro, e mette êste no bolso ; neste momento apparece Virginia no fundo, vestida de luto carregado.*)

SCENA II.

VIRGINIA, e AFFONSO.

VIRGINIA. — Para que te levantaste, Affonso, sem me prevenires? A tua saude não te permite ainda andares de pé, sem que eu te acompanhe.

AFFONSO, (*como desorientado.*) — Virginia! alma celeste, e pura! foge de mim? deste monstro, que te póde impestar com seu halito venenoso. . . Assassinei-te o pai. . . persegui-te. . . maltratei-te, sendo tu um anjo! pois bem. . . brevemente o inferno vai sumir-me n'um abysmo de fogo. (*Horroriza-se.*)

VIRGINIA, (*em ar supplicante.*) — Affonso! Affonso! tem dó de mim! não me afflijas! recobra a tua razão! esquece o passado. . . eu já te perdoei. . . meu pai te ha-de perdoar tambem, lá da eternidade. . . eu lho rogo todos os dias, em minhas orações. . . elle ha-de ouvir-me. . . Ainda poderemos ser felizes, Affonso. . .

AFFONSO. — Felizes, Virginia! e és tu, que o dizes? Pois não te horrorizas só de me veres? a mim! ao matador de teu pai! a mim, que te maltratei em teu proprio palacio! que te abandonei, tão deshumanamente! que suspeitei de tua virtude exemplar! a mim, que te quiz assassinar? Recobra pois, te digo eu tambem. . . recobra o teu juizo. . . olha para mim, e verás um monstro, coberto de crimes, e do sangue de teu proprio pai; e fugirá então de mim, como já o devias ter feito, espavorida. . .

VIRGINIA. — Basta, Affonso! não continues, que me matas? Tu não és criminoso aos olhos de Deos, nem aos de tua espôsa. . .

AFFONSO, (*beijando-lhe as mãos.*) — Virginia!

minha Virginia! pois será possível que te não horrorizes, vendo êste infeliz! a mim! ao teu perseguidor! pois não me reconheces! Não sabes que eu sou Affonso... êsse homem do inferno indigno de ti! êsse ser abominavel!

VIRGINIA. — Cala-te, Affonso! cala-te! por Deos to peço... Não me horrorizo... eu ainda te amo, como no primeiro dia em que jurei ligar a minha á tua sorte... E' verdade que a natureza, e o meu coração algumas vezes se revoltão contra êste amor, que te consagro... porém, Affonso, a razão, êste ser celeste, e bemfeitor, nunca me abandona, e me diz constantemente que meu espòso não é culpado, e que ainda é digno do meu amor...

AFFONSO, (*commovido profundamente.*) — Virginia! pois não me aborreces! não me odeias! Ah! tu não és uma mortal! é impossivel! Não o acredito...

VIRGINIA. — Sou tua espòsa!

AFFONSO. — Mas como é possível, que te possas mostrar sobranceira a tantas offensas, e a tantos horrores!

VIRGINIA. — Porque te amo muito, porque te considero innocente! O teu punhal ia a ser descarregado, segundo tua opinião, sôbre um grande criminoso! o teu rival... e não sôbre meu pai. (*Chora*)

AFFONSO. — Innocente! Eu, Virginia! Ah! tu o dizes! e tu és um anjo... devo acreditar-te... Mas porque me não disseste que era teu pai, quando o encontrei fechado no teu gabinete?

VIRGINIA. — Porque me obrigou a guardar silencio debaixo do mais sagrado juramento. Elle nutria grande receio que tu o sacrificasses, delatando-o a Miguel de Vasconcellos, não obstante a grande con-

fiança, que eu lhe disse devia ter em teu nobre, e honrado comportamento.

AFFONSO, (*dando progressivos signaes de abatimento, e somnolencia, mas disfarçando.*) — Mas porque não mo declaraste ao menos naquella noute fatal, em que te fui encontrar junto áquelle, que julguei ser meu rival? e antes do meu crime!

VIRGINIA. — Por uma negra, e invencivel fatalidade, por um respeito a meu pai, e ao meu juramento. . . Porém, Affonso! deixemos. . . esqueçamos tão funereas, e tristes lembranças. . . Tratemos pois de viver tranquillos, e de nos amar êsses poucos momentos, que nos restão neste mundo de horrores, de illusões, e de crimes.

AFFONSO, (*profundamente commovido, e chorando, e beijando-lhe as mãos.*) — Virginia! meu anjo. . . desejo do intimo d'alma a tua felicidade, e compral-a-hia á custa de todo o meu sangue, se elle não estivera manchado.

VIRGINIA. — Pois bem, Affonso! se desejas a minha felicidade, está nas tuas mãos; facil é conseguil-a. . . O teu sangue ainda está puro; preciso que o conserves quente nas veias; e que trates da tua saude, tomando os remedios, que o Medico te ha receitado. Eis só o que de ti exijo, para eu ser feliz. . . não pretendo mais. . .

AFFONSO, (*commovido.*) — Virginia! quanto afortunado não seria eu contigo se tivesse sido mais honrado! . . .

VIRGINIA. — Dize antes, Affonso, se eu tivesse sido mais prudente. Tu fizeste o que todo o homem honesto, e zeloso de sua honra deve fazer. Se tu não fosses tão honrado, tolerarias em silencio, como mui-

tos, a supposta affronta, que tua futura mulher te ha feito. . .

AFFONSO, (*com somnolencia.*) — Bem te entendo, anjo celeste! queres sacrificar-te por minha causa! queres poupar-me a vida á custa da tua! Tu, Virginia! soffres muito! muito, Virginia! A minha existencia é um veneno que martiriza a tua, e que poderá ainda ser feliz, cessando eu de viver. . .

VIRGINIA, (*pegando-lhe nas mãos.*) — Affonso! . . . Affonso! cala-te! que me matas! bem te entendo. . . tem dó de mim! Se tentares contra os teus dias, ver-me-has, antes que acabes, morta a teus pés. . .

AFFONSO, (*profundamente agitado.*) — Que dizes, Virginia? Santo Deos! (*á parte*) que fiz eu? não faças tal. . .

VIRGINIA. — Eu to juro, Affonso, pelas venerandas cinzas de minha mãe, e pelos respeitaveis manes de meu pai, que se tentares contra a tua vida, eu não hei-de sobreviver-te um só momento! Tu bem sabes, Affonso, se eu sou capaz de cumprir o meu juramento. . .

AFFONSO, (*desorientado.*) — Virginia! . . . não faças tal! tem dó de mim, que te amava tanto! (*Péga-lhe nas mãos com grande agitação.*) Compadecer-te dêste desgraçado! . . . A morte já me lançou seus braços de ferro! . . . Já infeccionou todo o meu sangue. . . As contas, que tenho de ir dar a Deos, são terriveis! . . . Se morreres por minha causa, é mais um grande crime, de que se me não concederá perdão. . . Virginia! (*Abraça-a pelas pernas, ajoelhando*) minha espôsa! já que tanto me has amado, não desprezes. . . não percas por toda a eternidade este ser incorporeo, esse sopro da divindade, que me

ânima, e que será condemnado a penas sem fim!

VIRGINIA, (*levantando-o agitada, e confundida.*) — Mas tu, Affonso! não has-de morrer! . . .

AFFONSO, (*chorando, etc.*) — Ah! Virginia! se eu soubesse, ha uma hora, o que agora sei, e fosse preciso para existir, deixar cortar a pedaços, pouco a pouco as entrenhas, e todo êste envoltorio terreno, que constitue o meu corpo, de bom grado eu o consentiria, só para tu viveres. . . Porém, Virginia! lembra-te que me perdes por toda a eternidade, senão respeitares a tua vida, que só a Deos pertence terminal-a. . .

VIRGINIA, (*como delirante.*) — Mas eu hei-de respeitá-la, Affonso! em quanto tu existires. (*Ouvem-se sons longinquos de artilheria, sinos, clarins, etc.*)

AFFONSO. — Porém, Virginia! se a estas horas a morte me estiver exaurindo a vida! Se eu já não pudér obstar a sua fouce cortadora!

VIRGINIA, (*assustada.*) — Que dizes, Affonso? queres perder-me!

AFFONSO, (*sentindo adiantar-se progressivamente o effeito do veneno.*) — Virginia! é preciso resignar-te. . . eu sinto já proxima a minha hora fatal. . . já não posso existir muitos momentos. . . Vou perder-te, Virginia! Ah! Perder-te! Virginia! e para sempre! (*Abraça-a, chorando, etc.*)

VIRGINIA. — Perder-te. . . Affonso! . . . ah! não póde ser! enganas-te! é impossivel! (*Estreitando-o fortemente entre os braços, soluçando.*)

AFFONSO, (*delirante.*) — O meu fatal destino, Virginia! é terrivel! N'outr' hora quiz assassinar-te; porque te julguei criminosa! e hoje vou deixar o mundo, porque sou indigno de ti, e sinto que o co-

ração se me despedaça, deixando-te. . . Mas é preciso que se cumpra a minha sorte. . . Adeos, Virginia! . . . adeos! . . . perdão ao teu infeliz, e desventurado . . . espò . . . so . . . (*Nuta, Virginia o ampara.*)

VIRGINIA. — Affonso! Affonso! que tens?

AFFONSO, (*segurando-se a Virginia.*) — Não é nada, Virginia . . . não te assustes . . . é êsse sopro divino, que pretende desprender-se desta vil morada terrenã, onde tão mal hospedado foi! tem piedade delle, e de mim, aliás vou perder-me para sempre! . . . Conserva a tua vida, Virginia! eu to peço pelo amor que me has tido . . . e vota-me ao menos uma lagrima sôbre a minha sepultura. (*Virginia não podendo sustel-o nòs braços, suffocada em lagrimas, senta-o sôbre uma cadeira de braços.*)

SCENA III.

DITOS, e ENGRACIA.

ENGRACIA, (*correndo.*) — Senhora! . . . Senhora! seu pai! o Senhor D. Eugenio está vivo! vi-o agora . . . fallou-me. . .

AFFONSO, (*reanimando-se.*) — Vivo!

VIRGINIA, (*amparando ainda Affonso.*) — Que dizes, Engracia?

ENGRACIA. — E' verdade, Senhora. . .

SCENA IV.

DITOS, e EUSTAQUIO.

AFFONSO, (*agitado.*) — Eustaquio!

EUSTAQUIO. — Eu mesmo, Affonso! e trago-te boas novidades.

AFFONSO. — Será possível!

EUSTAQUIO. — O que tu não esperavas...

AFFONSO. — D. Eugenio...

VIRGINIA. — Meu pai!...

EUSTAQUIO. — Está vivo...

AFFONSO. — Que dizes!

VIRGINIA. — Será possível! meu pai!...

EUSTAQUIO. — Não vos agiteis tanto... lembrai-vos, Senhora! do que vos tenho promettido todos os dias, desde essa noute fatal na Trafaria.

VIRGINIA. — Não vos acreditava, Senhor...

AFFONSO, (*impaciente.*) — Mas que dizes, Eustaquio! D. Eugenio! Que é isto! que dizes! que aconteceu?

EUSTAQUIO. — Não te perturbes, Affonso! eu to conto... nada ha mais simples... teu futuro sogro, e vosso pai, Senhora! está muito bom de saude...

VIRGINIA. — Ah! meu Deos! vivo!

AFFONSO. — D. Eugenio vivo, Eustaquio!

EUSTAQUIO. — Vivo, sim... e com muita saude.

AFFONSO. — Pois não morreo?

EUSTAQUIO. — Não...

VIRGINIA. — Meu pai! vivo!...

EUSTAQUIO. — Sim, vivo, nada ha mais natural.

AFFONSO. — Que dizes, Eustaquio?

EUSTAQUIO. — Anima-te, cala-te, e ouve-me...

Tu ficaste, como sabes, quasi sem vida, e a Senhora com os sentidos inteiramente perdidos. Mandei-vos nessa mesma noute fatal a ambos para Lisboa, e eu fiquei tratando do meu grande amigo, o Senhor D. Eugenio, que pelos meus cuidados, e ajudado pela esperança de que em breve raiarião dias de solida

ventura para a patria, e para seus filhos, de prompto se restabeleceo.

AFFONSO, (*em inanição.*) — Santo Deos!

VIRGINIA. — Ah! Senhor!

EUSTAQUIO. — Que é isso Affonso? que tens? reanima-te, que não tardará muito que não dês um abraço a teu sogro.

VIRGINIA. — Affonso! meu espôso! que sentes? reanima-te que ainda havemos de ser felizes.

AFFONSO, (*desfallecendo.*) — Sim, Virginia... Porém, Eustaquio! para que me persuadiste, que tinha morrido... Não sabes o mal que me fizeste...

EUSTAQUIO. — Assim o exigio teu sogro; e se Miguel de Vasconcellos não estivesse a estas horas apunhalado, a Duqueza de Mantua prêsa, e o Duque de Bragança proclamado Rei de Portugal, ainda o não saberias.

AFFONSO. — O Duque de Bragança... Rei de Portugal!

EUSTAQUIO, (*tirando o relógio.*) — E' verdade... E' meid' dia! ha tres horas que Portugal era ainda uma feitoria de Negros... de escravos da ferina, e inhospita Hiberia, e agora já é livre... já temos um Rei Portuguez...

VIRGINIA. — E meu pai! onde está elle?

EUSTAQUIO. — Não tardará muito que lhe não deis um abraço... Os Conjurados, e o Povo da Capital forão tomar conta do Castello de S. Jorge... Ouvís êstes tiros de artilheria!... êstes gritos do Povo! toques de sino! é uma festa nacional que os pòvos de tempos, a tempos costumão dar aos tyranos, quando êstes se esquecem de seus deveres.

AFFONSO, (*desanimando.*) — Ah! salva a patria de um tyranno! e D. Eugenio vivo... Morro con-

lente. . . Adeos, Virginia. . . estou envenenado. (*Cahe desfallecido nos braços de Virginia, Engracia corre em soccorro.*)

VIRGINIA. — Envenenado ! meu Deos ! soccorrei-me ! Affonso ! Affonso ! (*Chora, signaes de grande afflicção. Ouve-se grande alarido do Povo, etc.*)

EUSTAQUIO. — Envenenado ! Santo Deos !

SCENA V.

DITOS, e D. EUGENIO.

D. EUGENIO, (*correndo.*) — Virginia ! minha filha ! . . . mas que vejo ! Affonso morto !

VIRGINIA, (*largando Affonso, abraçando o pai.*)
— Meu pai ! Meu pai ! (*Larga o pai, e corre a Affonso*) Affonso ! Affonso ! meu espôso ! Ah ! morto ! já me não ouve. (*Chora.*)

EUSTAQUIO, (*divisando o vidro no bolso de Affonso, tira-o, examina-o, cheira-o.*) — Senhora ! Senhora ! não se afflija ! Affonso não morre ! não é veneno.

D. EUGENIO. — Que dizes !

VIRGINIA. — Não é veneno !

EUSTAQUIO. — Este vidro fui eu que o dei a Affonso, cheio de narcotico. . . Quiz envenenar-se. . . pedio-me opio dissolvido. . . recusei-lho ; teimou ; e para evitar alguma catastrophe, enganei-o. . . feliz illusão, que poupou a vida a vosso espôso.

VIRGINIA, (*com satisfação.*) — Ah ! Senhor !

D. EUGENIO, (*com anciedade.*) — Eustaquio ! meu amigo ! salvai-me o genro ! restitui á vida este homem tão honrado, e sensivel. . .

VIRGINIA, (*com anciedade.*) — Senhor! vêde se ainda vive. . .

EUSTAQUIO. — Socegai, Senhora! (*Introduz a mão junto ao coração de Affonso.*) O coração ainda lhe bate, não tem perigo. . . eu o vou já despertar dèste somno mortal. (N. B. *Nêste momento ouve-se grande estampido fóra do Palco, na direcção da porta, que está fechada; algum tempo antes desta scena devem-se ter ouvido sons longinquos de artilleria, mosquetaria, clarins, gritos do povo, etc. A porta é arrombada, Arthur apparece á frente de muito povo armado, êste logo que vê D. Eugenio, suspende o passo, e fica em respeito, tirando o chapéo.*)

SCENA VI.

DITOS, ARTHUR, e POVO.

ARTHUR, (*com uma espada núa.*) — Affonso! Affonso! onde está êste traidor á patria. (*Vendo Affonso, corre a elle com a espada, Virginia cobre com seu corpo o de Affonso.*)

VIRGINIA. — Ah!

D. EUGENIO, (*agarrando Arthur.*) — Está morto! respeitai o seu cadaver. (*Pedro, e o Pescador sahem nêste momento dentre o povo, o Pescador arranca a espada das mãos de Arthur, e Pedro descarrega um tiro de pistola sôbre Arthur.*)

ARTHUR, (*cahindo.*) — Ah! . . .

FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO.



Este Drama entrou no concurso, que houve para a primeira abertura do Theatro de D. Maria 2.^a. No parecer, que ácerca do mesmo se deo, assignado pelos Srs. Doutores Gonçalo José Vaz de Carvalho, José Maria Grande, e Silva Abranches, em que se notárão alguns defeitos, que hoje desaparecêrão, achão-se os dois periodos seguintes: Não lhe falta originalidade, e interesse dramatico, e o Autor deo mostras de bom juizo, e conhecimento d'arte, ligando-a com uma das épocas mais notaveis da historia patria. . .

Tem repetida intensão poetica, algumas scenas bem inventadas, sentimentos nobres, rasgos apaixonados, bem capazes de illudir o espectador, e ganhar os seus applausos.

Utteriormente um Jury especial, nomeado pelo Governo, mandou-o representar no Theatro de D. Maria 2.^a, onde dorme, ha dois annos, o somno dos sepulchros.

Ultimamente baptizei-o, pondo-lhe outro nome, e sugitei-o á censura do actual Conselho Dramatico. O Censor, a quem foi distribuido, conhecendo o Drama, a despeito do novo titulo, debaixo do qual se apresentou, encheo-se de uma nobre indignação, e mandou que fosse quanto antes representado; mas debalde; lá está encarcerado, assim como o Duque de Coimbra, a Rainha Santa Izabel, e o Doutor Emilio, em que o Censor confessou havia scenas de interes-

se, e peripecias de grande estrondo, mandando que fosse quanto antes representado, para desaffronta do Autor, e dos Censores, que tanto o tinham elogiado ; mas ainda debalde ; estão pois por uma negra fatalidade, e o Autor dos mesmos, condemnados a morrer no abandono, na obscuridão, e no deserto. Cumprão-se os decretos do Ceo, ou do abysmo ; está já resignado por um longo soffrimento

O AUTOR

A. P. F. A.



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329757127



PRECO 200 Rs.